

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

GEANDRA KARLA DE AVELAR CÔRTEZ

OS GEMIDOS ESTÃO SEMPRE PRESENTES:
MEMÓRIAS NEGRAS FICCIONAIS EM CONCEIÇÃO EVARISTO E
BUCHI EMECHETA

GOIÁS
2022

GEANDRA KARLA DE AVELAR CÔRTEZ

OS GEMIDOS ESTÃO SEMPRE PRESENTES:
MEMÓRIAS NEGRAS FICCIONAIS EM CONCEIÇÃO EVARISTO E
BUCHI EMECHETA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Cora Coralina, como pré-requisito para o título de mestre.

Linha de Pesquisa: Estudos Literários e Interculturalidade.

Orientadora: Profa. Dra. Émile Cardoso Andrade.

GOIÁS
2022

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo: GEANDRA KARLA DE AVELAR CÔRTEZ

E-mail: geandrakarla82@gmail.com

Dados do trabalho

Título: *OS GEMIDOS ESTÃO SEMPRE PRESENTES: MEMÓRIAS NEGRAS FICCIONAIS EM CONCEIÇÃO EVARISTO E BUCHI EMECHETA*

Tipo:

Tese Dissertação

Curso/Programa: Pós Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade

Concorda com a liberação documento

SIM NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

GOIÁS, 05 de ABRIL de 2022.



Assinatura autor(a)



Assinatura do orientador(a)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

C828g Côrtes, Geandra Karla de Avelar.
“Os gemidos estão sempre presentes” : memórias negras ficcionais em Conceição Evaristo e Buchi Emecheta [manuscrito] / Geandra Karla de Avelar Côrtes. – Goiás, GO, 2022.
97f.

Orientadora: Profa. Dra. Émile Cardoso Andrade.
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2022.

1. Literatura comparada - análise. 1.1. Romance.
1.1.1. Literatura brasileira. 1.1.2. Literatura nigeriana.
1.1.3. Autoria negra. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 82-31(81+669)

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 14/2022

Aos quatro dias do mês de abril de dois mil e vinte e dois às dezenove horas e trinta minutos, realizou-se, por webconferência, o Exame de Defesa da dissertação da mestranda Geandra Karla de Avelar Cortês, intitulado **“OS GEMIDOS ESTÃO SEMPRE PRESENTES: MEMÓRIAS NEGRAS FICCIONAIS EM CONCEIÇÃO EVARISTO E BUCHI EMECHETA”**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Émile Cardoso Andrade – Presidente – (POSLLI/UEG), Dra. Thayza Alves Matos (UnB), Dr. José Elias Pinheiro Neto (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pela mestranda e sua orientadora. Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, a presidente da banca examinadora proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (x) aprovada, () aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências (se houver): não houve exigências. Cumpridas as formalidades de pauta, às 22:15 a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 04 de abril de 2022.

Prof. Dra. Émile Cardoso Andrade (POSLLI/UEG)

Prof. Dra. Thayza Alves Matos (UnB)

Prof. Dr. José Elias Pinheiro Neto (POSLLI/UEG)

Às que vieram antes e a que veio depois. Auxiliadora (in memoriam), Sandra e Cecília. Avó, mãe e filha. As que me ensinaram e ensinam que é no colo das mulheres que nos tornamos mais fortes.

AGRADECIMENTOS

À escritora Conceição Evaristo que, por meio de suas palavras, me fez retomar a paixão pela literatura e ter coragem de mergulhar em suas palavras e no mestrado.

À professora Émile Cardoso Andrade que, desde o primeiro contato, me orientou com entusiasmo e coragem, me permitindo devaneios literários e pensar para além do provável. Sua inquietação e amizade foram essenciais para que essa caminhada se tornasse desafiadora e prazerosa.

Ao professor José Elias Pinheiro Neto, pelo acolhimento, afeto e trocas acadêmicas. Pela gentileza na leitura minuciosa do texto e valiosos apontamentos na banca de qualificação. Por me fazer acreditar que o espaço acadêmico também é nosso.

Às amigas de mestrado Érica Soares, Mikaela Cardoso e Sara Caroliny, pelas trocas constantes, ensinamentos, ideias, sugestões, choros e risadas. O caminhar acadêmico se tornou muito mais leve tendo vocês ao meu lado.

Ao amigo de mestrado Sandro di Lima, por me fazer acreditar, que em qualquer fase da vida, estamos aptos a fazer novas jornadas.

À Universidade Federal de Goiás, pela aprovação do meu afastamento do cargo de técnica-administrativa em educação e assim me permitir dedicar ao mestrado de forma integral.

Aos colegas de trabalho, Camomila Cordeiro, Janaína Alves, Renata Arruda, Camila Marques e Carlos Antônio, que desde as primeiras linhas do projeto me incentivaram e acreditaram que esse processo seria possível.

Às amigas Danielma Monteiro e Nádia Pinheiro, por serem colo, perto ou longe. Por acompanharem cada linha, cada leitura e toda a escrita. Pelo apoio, incentivo e parceria. A amizade e afeto de vocês fizeram essa jornada mais leve.

Ao Júnior Côrtes, por dividir a jornada de criar e educar uma criança nesse mundo.

À minha mãe Sandra, por sempre acreditar que a educação é o caminho.

E em especial, à minha filha Cecília, que caminhou estes dois anos ao meu lado, em um mundo pandêmico, onde em várias oportunidades fomos somente nós duas. Obrigada por tanto, e por me fazer sorrir sempre que possível. E que eu consiga sempre te mostrar que a educação é o caminho.

E a Deus, que me permitiu ser forte quando possível e, fraquejar quando necessário.

Eu-mulher

*Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.*

*Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo*

*Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.*

Conceição Evaristo

RESUMO

Nessa dissertação temos a proposta de pesquisar os romances *Becos da memória* da escritora brasileira Conceição Evaristo e *Cidadã de segunda classe* da escritora nigeriana Buchi Emecheta e a forma como eles apresentam encontros e desencontros em suas narrativas, assim como a vida e obra das autoras. Para tal encaminhamento, fizemos uso da Literatura Comparada e sua metodologia que permite a aproximação das obras, assim como foi fundamental a busca de definições conceituais sobre aspectos que se mostraram relevantes na vida das autoras. Duas mulheres negras, nascidas na década de 1940, mas separadas pelo Atlântico e pelas diferenças dos dois países. Buscamos a compreensão de como essas autoras se formam como escritoras a partir da pesquisa da construção dos romances em Brasil e Nigéria. Na literatura brasileira fizemos um recorte, trazendo a genealogia das romancistas negras e na literatura nigeriana como essa base é formada. Temas como gênero, raça, classe, entre outros, estão embricados na construção das narrativas e por isso se tornaram base para essa dissertação. Buscamos autores decoloniais que nos apresentam essas definições e conceituações de forma que fossem ao encontro da forma na qual essas autoras caminham em suas escritas. Por fim, recorreremos ao estudo sobre memória para compreender a forma como essas mulheres contaram as histórias de seus povos.

Palavras-chaves: Autoria negra. Literatura brasileira. Literatura nigeriana. Romances.

ABSTRACT

In this dissertation we intend to research the encounters and mismatches in the narratives of the novels "Becos da memória" by the Brazilian female writer Conceição Evaristo and "Cidadã de segunda classe" by the Nigerian female writer Buchi Emecheta as well as their lives and works. For this purpose, we utilized the Comparative Literature methodology, which allows the rapprochement of the novels. Besides, was essential to search for conceptual definitions about aspects relevant to the writers' lives, two black women born in the 1940s, nevertheless separated by the Atlantic and the differences between their countries. Therefore, we seek to understand how these authoresses constituted themselves as writers according to the research of the novels' construction in Brazil and Nigeria. In Brazilian Literature we made an indentation approaching the black female novelists' genealogy; and how this base consists in Nigerian Literature. Themes such as gender, race, class, among others, are intertwined in the narratives' construction; for this reason, those topics became the base for this dissertation. Therefore, we seek decolonial authors who present definitions and concepts that would meet how authors weave their writings. Finally, we used the memory study to understand the way these women told the stories of their people.

Keywords: Black authorship. Brazilian literature. Nigerian literature. Novels.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| MEUS PRIMEIROS PASSOS..... | 12 |
| “NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE”..... | 16 |
| 1 MULHERES NEGRAS E SUAS NARRATIVAS: RESISTÊNCIA NA HISTÓRIA QUE SE CONSTRÓI..... | 30 |
| 1.1 ESCRITA DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS: UMA NARRATIVA DE RESISTÊNCIA..... | 31 |
| 1.2 ESCRITA DA LITERATURA NIGERIANA: A CONSTRUÇÃO DE SUAS HISTÓRIAS..... | 43 |
| 2 A <i>ESCREVIVÊNCIA</i> COMO CONDUTORA NA CONSTRUÇÃO DE ROMANCES MEMORIALÍSTICOS..... | 56 |
| 2.1 <i>ESCREVIÊNCIA</i> : A ESCRITA DE SI DAS MULHERES NEGRAS..... | 57 |
| 2.2 GÊNERO, RAÇA E CLASSE: ENCONTROS COTIDIANOS | 64 |
| 3 EU CONTAREI A MINHA HISTÓRIA: MEMÓRIAS NA CONSTRUÇÃO DAS ESCRITAS DE SI..... | 73 |
| 3.1 AS VÁRIAS VOZES DESSAS NARRATIVAS: ENCONTRO DA MEMÓRIA E A ESCRITA DE SI..... | 76 |
| 3.2 <i>BECOS DA MEMÓRIA E CIDADÃ DE SEGUNDA CLASSE</i> : O CAMINHAR MEMORIALÍSTICO DE MARIA-NOVA E ADAH..... | 84 |
| PASSOS FINAIS OU O COMEÇO DE UMA JORNADA..... | 89 |
| REFERÊNCIAS..... | 92 |

MEUS PRIMEIROS PASSOS

*O importante não é ser o primeiro ou primeira, o importante é abrir caminhos.
(CONCEIÇÃO EVARISTO, 2009)*

Me enxergar na forma de sujeito negro vem da infância, ao me perceber diferente dos demais membros da minha família materna, a única com a qual tive convivência. Traços diferentes, cabelos diferentes e muitas vezes um sentimento de não pertencimento àquele lugar. Situações de racismo se tornaram cotidianas, como me confundirem com a empregada da casa, perguntarem se eu era a babá do meu irmão, indagarem ao meu avô branco de olhos azuis porque ele tinha uma “neta feia”, fizeram parte da minha infância e adolescência.

Anos se passaram, e apesar de todas as dificuldades, a universidade chegou em minha vida. Em 2001, aos dezoito anos, lá estava eu, a primeira mulher da família a entrar em uma faculdade. Entrei na Universidade Federal de Goiás – UFG, no curso de Comunicação Social, e foi aí que começou a minha vida acadêmica. Por lá os debates raciais ainda davam os primeiros e lentos passos. O sistema de ingresso era unificado, e com isso a universidade se mostrava extremamente branca e elitista. Os alunos negros eram quase sempre oriundos de países africanos de língua portuguesa, a chamada África Lusófona. Vindos a maioria da Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau, foram com essas amizades que tive a minha primeira noção de africanidades.

Anos após, em uma articulação entre os movimentos negros e a educação, foram criadas as ações afirmativas no Brasil, conhecidas por leis de cotas. A Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ e a Universidade de Brasília – UnB foram as precursoras na implementação dessas ações. A ADPF – Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 186/DF explana o conteúdo sobre ações afirmativas e é usada como referência para uma maior compreensão e entendimento acerca do tema.

Na Universidade Federal de Goiás – UFG o sistema de cotas teve seu início em 2006. Em um primeiro momento, o sistema de cotas raciais da UFG foi pensado em forma de bônus e em discussão entre a universidade e o movimento negro, além das cotas, aconteceu o acréscimo de uma vaga em cada curso para indígenas e quilombolas, o UFG Inclui. Para se afirmar enquanto sujeito negro – pretos ou pardos, de acordo com o

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a única exigência era uma autodeclaração, na qual o indivíduo se reconhecesse como tal.

Em 2012, a partir da Lei 12.711/2012, com a chamada Lei das Cotas, as instituições de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação passaram a reservar, no mínimo 50% (cinquenta por cento) das vagas para estudantes oriundos de escolas públicas, das quais são reservadas aos estudantes pretos, pardos e indígenas, o quantitativo de vagas proporcional à essa população no local que esteja instalada a instituição de ensino, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. No estado de Goiás 56,68% da população total são autodeclarados pretos, pardos ou indígenas.

Com o passar dos anos, após diversos estudos e a grande quantidade de fraudes nesse sistema de ingresso e no intuito de legitimar e validar esse processo de equiparação de direito junto à população negra, foram criadas as comissões de validação das autodeclarações nas universidades e demais concursos públicos. Dessa forma, passaram a ser necessárias que as características fenotípicas do candidato à vaga de cotista racial fossem validadas perante uma banca avaliadora. Atualmente, essas bancas são denominadas de comissões de heteroidentificação, visto que esse termo se refere a forma na qual o sujeito é reconhecido pelo outro, um olhar externo sobre as suas características físicas, num intuito de reconhecimento da maneira como ele é enxergado socialmente. No site da UFG encontramos essas informações acerca do procedimento:

É um procedimento complementar à autodeclaração conduzido pela Comissão de heteroidentificação da UFG. A verificação é realizada por meio de entrevista presencial (no caso de candidatos/a autodeclarado/a negro/a (preto/a e pardo/a) e quilombola) e análise de documentação (no caso de candidato/a autodeclarado/a indígena e quilombola). A comissão leva em conta as características observáveis, os aspectos fenotípicos do/a candidato/a. Não será analisado o fenótipo dos familiares, e sim apenas do/a candidato/a, em um procedimento que lhe garante o contraditório e a ampla defesa. A comissão de heteroidentificação busca fiscalizar e garantir a aplicação das políticas de ações afirmativas da UFG e evitar fraudes. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2018)

Na UFG esse processo teve seu início no começo de 2018, com servidores da instituição sendo convidados a formar essa comissão. Sendo servidora Técnica-Administrativa em Educação da instituição desde o ano de 2010, passei a integrar esse grupo e me vi frente a necessidade de estudos sobre ações afirmativas, política de cotas,

negritude, mestiçagem, entre tantos outros temas que legitimariam minha participação junto à comissão. Entre esses estudos, a literatura feita por autores negros foi chegando de forma a fortalecer e acalentar as horas dedicadas a tantos textos teóricos. Foi nesse momento, ainda em 2018 que o POSLLI – Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade – da Universidade Estadual de Goiás cruzou o meu caminho.

Fiz meu ingresso na forma de aluna especial do POSLLI no segundo semestre de 2018, na disciplina de Teoria da Narrativa. Com formação em Comunicação Social, habilitação em Radialismo e posteriormente em Jornalismo, meu contato acadêmico com a literatura vinha da disciplina de Jornalismo Literário, uma área que me permitiu um outro olhar sobre o Jornalismo e uma nova forma de pensar a minha escrita jornalística.

O jornalismo sempre se apresentou ligado à literatura ou aos literatos. No Brasil, um dos maiores clássicos do chamado jornalismo literário é a obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, publicado em 1902. No mundo, *Hiroshima*, de John Hersey, de 1946 (primeira parte) e 1985 (segunda parte) é considerado por muitos a mais importante reportagem do século XX e que fez uso das técnicas do Jornalismo Literário ou do “novo jornalismo”. Matinas Suzuki, no posfácio de *Hiroshima*, fala sobre a origem desse termo e dessa hibridização de jornalismo e literatura. O termo “novo jornalismo” vai aparecer pela primeira vez em 1887, usado por Mar Arnauld na descrição do estilo vivo das reportagens de W. T. Stead escrevia para a *Pall Mall Gazette* (HERSEY, 2002, p. 170).

Nos Estados Unidos, essa junção do jornalismo e literatura recebeu vários nomes: novo jornalismo, jornalismo literário, literatura de não-ficção, entre outros. Apesar da crítica, no sentido de dizerem que o texto não seria uma coisa nem outra, ele se estabeleceu na forma de um forte estilo narrativo estadunidense, como uma espécie de terceiro gênero, que precisava seguir regras, tais quais estar ancorado em fatos; uma grande apuração; muitas entrevistas; muita investigação; pesquisas, o que levou à chamada *reportagem de imersão*.

Para que resultasse em sucesso, o Novo Jornalismo (NJ) necessitava reformar exatamente essa rotina de produção, notadamente as rotinas de apuração de uma história, que passou a ser meticulosa, fazendo o repórter passar grande tempo em companhia da fonte para cobrir cada história, chegando a conviver durante dias e, em alguns casos, semanas e meses com as pessoas sobre as quais escreviam. Truman Capote levou seis anos apurando o brutal assassinato da família Clutter, ocorrido em novembro de 1959, numa cidadezinha perdida no interior do Kansas. (CASTRO, 2010, p. 47)

Tom Wolfe, Gay Talese e Truman Capote, segundo Gustavo Castro (2010), estão entre os principais nomes do chamado *New Journalism* por defenderem a união de jornalismo e literatura apresentando personagens com carga emocional e abrindo possibilidade para narrativas. No Brasil, o auge aconteceu a partir da década de 1950 com a revista semanal *O Cruzeiro*, passando pela revista *Realidade*, do Grupo Abril, além de importantes nomes do jornalismo brasileiro, sendo eles João do Rio e Lima Barreto, que desde o início do século XX publicaram reportagens do gênero.

As técnicas do Jornalismo Literário estão em uso há muitos anos mesmo que com nomenclaturas diferentes. Mesmo com pouco espaço dentro do jornalismo tradicional, fazendo com que hoje seja mais usual a forma de livro-reportagem, esse jornalismo de imersão e sensibilidade no ver o outro se faz presente. E na disciplina de Teoria da Narrativa pude perceber essa imersão também nos textos ficcionais memorialísticos, e é nesse caminho que encontro a escrita viva e pulsante de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e outras autoras negras que me fazem adentrar ao mundo da pesquisa e da literatura negro-brasileira.

Desde o primeiro momento de encontro com essas narrativas, o interesse é em percorrer a escrita de Conceição Evaristo e seu romance *Becos da memória*, adentrá-lo de forma minuciosa, conhecendo seus becos literários e demais nuances. Para além desse romance, em um primeiro instante, o encontro com Carolina Maria de Jesus e seu *Quarto de despejo – diário de uma favelada* era a nossa proposta inicial para pensarmos a favela e os seus becos como espaços literários, ficcionais e reais, mostrado pelas duas autoras, e como isso define a escrita das duas dentro de um percurso possível. Porém, ao adentrar ao POSLLI, os primeiros passos na pesquisa nos guieram em outra direção, de maneira na qual a interculturalidade se fizesse presente.

É nesse instante da pesquisa, ainda em seu início, que entra a literatura nigeriana e mais especificamente a escritora Buchi Emecheta. Alguns romances vindos da Nigéria já nos eram conhecidos, especialmente os escritos por Chimamanda Ngozi Adichie – *Meio sol amarelo*, *Americanah* e *Hibisco roxo* – além de contos e ensaios da autora, visto que esta é, atualmente, uma autora de grande destaque no mundo e que têm diversos de seus livros traduzidos para português. Já em relação a Buchi Emecheta, na primeira leitura, é possível se ter a percepção de algumas nuances que a aproximava, e outras que a distanciava, de Conceição Evaristo.

Duas mulheres negras, nascidas na década de 1940, separadas pelo Atlântico, mas unidas em tantas singularidades e com a potência de duas autoras que se tornaram referências na literatura. *Becos da memória* e *Cidadã de segunda classe*, os dois romances definidos como objetos de estudo em nossa pesquisa, fundem vida e obra, realidade e ficção, traços memorialísticos e autobiográficos, e assim, nos apontam a força da escrita de autoras negras, seja no Brasil, seja na Nigéria.

“NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE”

*A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar,
ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa...
é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito.
Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora,
aí é um privilégio da elite.
(CONCEIÇÃO EVARISTO, 2009)*

Pensar a literatura negro-brasileira e suas nuances é nos permitir adentrar em um espaço marcado por resistência e coletividade. Para chegarmos ao momento atual, em que autores negros começam a ser destaques em festivais, prêmios, títulos, um longo percurso foi feito. Atualmente, coletâneas, editais específicos e editoras voltadas para a autoria negra, são as grandes possibilidades de publicações desses escritores.

O negro brasileiro é fruto da diáspora¹ africana e esse trabalho pretende buscar na autoria feminina negra de Brasil e Nigéria, espaços de encontros na diáspora e deslocamento desses corpos negros. Se a romancista negra brasileira é fruto desse tráfico transatlântico negreiro, a autoria nigeriana se mostra atravessada pela colonização britânica e seus desdobramentos. Para tal, buscamos estudos decoloniais que centrem sua análise no feminismo afro-latino-americano, com foco na escritora brasileira Conceição Evaristo e seu romance *Becos da memória* e na escritora nigeriana Buchi Emecheta e seu romance *Cidadã de segunda classe*, enxergando essas mulheres na forma de sujeitos da desobediência epistêmica e da subversão do pensamento hegemônico.

¹ Diáspora é pensada aqui como um entre-lugar geográfico e temporal, “caracterizado por desterritorialização e reterritorialização, bem como pela implícita tensão entre a vida aqui e a memória e o desejo pelo lá. Neste sentido, os que vivem na diáspora compartilham uma dupla se não múltipla consciência e perspectiva, caracterizadas por um diálogo difícil entre vários costumes e maneiras de pensar e agir” (WALTER, 2011, p.11).

Apresentar vida e obra da escritora Conceição Evaristo, em um momento em que a mesma já se configura em um dos nomes de maior representatividade da literatura brasileira e o de maior destaque na literatura de autoria negra, é um caminho encontrado para trazer à academia nome(s) que por tantos anos foram tidos como segunda opção, ou até mesmo, subtraídos nos estudos literários. Não por acaso, alguns autores analisam a literatura contemporânea de forma contestada, visto o questionamento sobre os critérios adotados para que aconteça a legitimidade de um/a autor/a.

Maria da Conceição Evaristo de Brito, ou simplesmente Conceição Evaristo, é uma escritora brasileira, negra, nascida em Minas Gerais aos 29 de novembro de 1946 em uma família pobre, moradora da extinta favela Pindura Saia, em Belo Horizonte, local em que passou sua infância. Conceição Evaristo é filha de Joana Josefina Evaristo, uma lavadeira, sendo criada por ela e pelo padrasto Aníbal Vitorino, um pedreiro, já que teve pouco contato com o pai biológico.

Sua infância acontece ao lado das três irmãs da mesma mãe e do mesmo pai e dos cinco irmãos que a mãe teve no relacionamento com o padrasto. Ainda na infância, aos sete anos passa a morar com uma tia mais velha, Maria Filomena, e seu esposo, que não tinham filhos. Ela sai de uma casa cheia, com muitas crianças e se muda para um espaço com poucas pessoas, e assim a leitura passa a ser sua companhia. Com apenas oito anos começa a trabalhar como empregada doméstica. Em 2009, durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, na Faculdade de Letras da UFMG, Conceição Evaristo pontua:

A ausência de um pai foi dirimida um pouco pela presença de meu padrasto, mas, sem dúvida alguma, o fato de eu ter tido duas mães suavizou muito o vazio paterno que me rondava. Aos sete anos, fui morar com a irmã mais velha de minha mãe, minha tia Maria Filomena da Silva. Ela era casada com Antônio João da Silva, o Tio Totó, viúvo de outros dois casamentos. Não tiveram filhos. Fui morar com eles, para que a minha mãe tivesse uma boca a menos para alimentar. Os dois passavam por menos necessidades, meu Tio Totó era pedreiro, e minha Tia Lia, lavadeira como minha mãe. A oportunidade que eu tive para estudar surgiu muito da condição de vida, um pouco melhor, que eu desfrutava em casa dessa tia. As minhas irmãs enfrentavam dificuldades maiores. (EVARISTO, 2009)

Sua vida escolar, do mesmo jeito que a de seus irmãos, acontece integralmente em escola pública. Em 1958 recebe seu primeiro prêmio, quando ao terminar o ensino primário ganha o concurso de redação da escola com o texto intitulado: *Porque me*

orgulho de ser brasileira. Sua personagem autobiográfica, Maria-Nova, do romance *Becos da memória*, lembra com carinho de algumas passagens da vida escolar:

Maria-Nova adorava a merenda da escola desde o tempo em que ela era do primário. O que ela mais gostava era da macarronada, porque tinha até queijo ralado em cima. Gostava também quando era pãozinho com doce de leite. Ao morder o pão, o doce chegava até escorrer um pouco. As crianças faziam fila na porta da cantina para receber o pão. Ela comia do dela correndo e voltava para o final da fila. Tinha que ter o cuidado de, pela segunda vez, não demonstrar muita ansiedade. Quando era Dona Geralda que estava distribuindo, ela ganhava outro sempre, mesmo sendo reconhecida. Se não fosse ela, além de não ganhar, ainda levava uns bons pitos. Maria-Nova não se importava, ficava na espreita. Valia arriscar. Eram muitas crianças e as serventes sempre revezavam na distribuição. (EVARISTO, 2017, p. 169)

Durante a primeira infância, um tio de Conceição Evaristo foi morar com eles, em um quarto à parte. O tio Osvaldo Catarino Evaristo havia servido à nação na Segunda Guerra Mundial, na Itália. Sempre um homem questionador a respeito das condições do negro e com os estudos desenvolveu seu dom de poeta, artista plástico e desenhista. É com ele, tio Osvaldo, que Conceição Evaristo tem suas primeiras noções de negritude.

Aos dezessete anos entra no movimento Juventude Operária Católica – JOC, local em que eram feitas reflexões acerca da realidade do país. Em 1968, quando ainda cursava o ginásio, Conceição Evaristo escreve “uma espécie de crônica” chamada *Samba-favela*, sendo essa um exercício de redação. O pequeno texto é publicado no *Diário Católico de Belo Horizonte* e em uma revista católica do Rio Grande do Sul.

A formação de professora primária acontece no Instituto de Educação de Minas Gerais, lugar em que conclui o curso Normal em 1971. Em Belo Horizonte, nesse período não existe concurso para professores e Conceição Evaristo já prevê a dificuldade que terá para trabalhar. Então, dois anos após, em 1973, muda-se para o Rio de Janeiro ao ser aprovada em um concurso municipal de educação para trabalhar como professora. Conceição Evaristo descreve essa mudança:

Tinha sido um período particularmente difícil para minha família e outras que estavam sofrendo com um plano de desfavelamento, que nos enviava para a periferia da cidade. Ao distanciarmos do centro de Belo Horizonte, não tínhamos nada, a não ser uma pobreza maior. Então, com um diploma de professora nas mãos e sem qualquer possibilidade de dar aulas em Belo Horizonte, parti de “mala e cuia” para o Rio de Janeiro. Entrar para a carreira de magistério, naquela época, dependia de ser indicado por alguém e as nossas relações com as famílias importantes de Belo Horizonte estavam marcadas pela nossa condição

de subalternidade. Aliás, nesse sentido, gosto de dizer que a minha relação com a literatura começa nos fundos das cozinhas alheias. Minha mãe, tias e primas trabalharam em casas de grandes escritores mineiros ou nas casas de seus familiares. Digo mesmo que o destino da literatura me persegue... (EVARISTO, 2009)

Em 1975 é fundado no Rio de Janeiro o IPCN – Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, é por meio dele que Conceição Evaristo passa a ter contato com a militância negra, conhecendo nomes importantes, entre eles Lélia Gonzalez², Beatriz Nascimento³ e Abdias do Nascimento⁴. No ano de 1976 inicia o curso de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sendo este interrompido em 1980, prestes a ser concluído, pelo nascimento de sua filha única Ainá, “sua especial menina”, portadora de uma síndrome genética que compromete seu desenvolvimento psicomotor.

Anos após retorna a faculdade e assim, em 1990 gradua-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. No ano de 1996 conclui o mestrado em Literatura Brasileira pela então Universidade Católica do Rio de Janeiro, atual PUC-Rio, defendendo a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Em 2011 finaliza o doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense defendendo a tese *Poemas Malungos: cânticos irmãos*.

Em sua chegada ao Rio de Janeiro, Conceição Evaristo se une ao movimento negro e essa militância chega também a sua escrita. O movimento negro é o primeiro a ter contato e a ler os seus textos, é entre os “seus” que se faz escritora. Justamente por intermédio da militância que tem sua primeira publicação, em 1990, na série *Cadernos Negros* do grupo Quilombhoje, espaço em que passa a publicar seus contos e poemas. São 28 poemas e 11 contos publicados em 13 volumes dos *Cadernos Negros*, no período de 1990 a 2011.

O Quilombhoje é um coletivo cultural e uma editora de São Paulo, responsável pela publicação de série *Cadernos Negros*, que são antologias de autores negros publicadas anualmente desde 1978, com alternância entre poemas (nos anos pares) e

² Lélia Gonzalez (1935-1994) foi uma mulher negra, intelectual, política e ativista brasileira e uma das fundadoras do MNU – Movimento Negro Unificado. Graduada em História e Filosofia, mestra em Comunicação e doutora em Antropologia Social pesquisando gênero e etnia, deixou importante obra e estudos sobre negritude no país.

³ Maria Beatriz Nascimento (1942-1995) foi uma mulher negra, intelectual, ativista e historiadora brasileira com estudos dedicados as questões do racismo e quilombos.

⁴ Abdias do Nascimento (1914-2011) foi um homem negro, ator, poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras no Brasil. Fundador do Teatro Experimental do Negro com a proposta de valorização social do negro e da cultura afro-brasileira por meio da educação e arte.

contos (nos anos ímpares), que dão visibilidade para a literatura negra e também a produção literária das periferias.

Cumprindo o papel central de divulgar uma enunciação negra, de temática variada, majoritariamente relacionada à vida, tradição e cultura afro-brasileiras, tal série representa a antologia de literatura afro-brasileira de vida mais longa, constituindo-se em um dos principais veículos que tem contribuído para a inclusão da vertente “afro” na literatura brasileira, especialmente por reunir escritores de diferentes gerações e de diversas partes do Brasil. Assim, seu maior mérito tem sido dar visibilidade a textos que lançam o olhar sobre a realidade brasileira, colocando a população negra como protagonista de seus versos e histórias. (PEREIRA, 2016, p. 33)

Em 2003 Conceição Evaristo publica seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte. Ao ser indicado para diversos vestibulares do país, o livro é bem difundido, tendo uma reimpressão em versão de bolso pela mesma editora. A boa aceitação de sua obra abre caminhos para que em 2006 a autora publique seu segundo romance, *Becos da memória*, também pela Editora Mazza. Este é seu primeiro romance escrito, nos anos de 1987/1988, para as comemorações do centenário da abolição da escravidão no Brasil junto ao Ministério da Cultura, mas o projeto tem êxito e assim o romance fica quase vinte anos engavetado.

Em 2008 Conceição Evaristo lança seu primeiro livro de poemas intitulado *Poemas de recordação e outros movimentos* pela Editora Nandyala e em 2011, pela mesma editora, publica uma coletânea de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Em 2014 a escritora lança mais um volume de contos, agora pela Editora Pallas, *Olhos D'água*, livro este que, em 2015, recebe o Prêmio Jabuti⁵ na categoria “Contos e Crônicas”.

No ano de 2016, Conceição Evaristo lança uma coletânea com doze contos e uma novela, *Histórias de leves enganos e parecenças*, pela Editora Malê⁶, a primeira publicação dessa nova editora e o primeiro que a escritora, aos 68 anos, publica sem apoio de edital ou investindo dinheiro do próprio bolso. O reconhecimento, apesar de todo sua

⁵ Prêmio Jabuti é o mais tradicional prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL). Criado em 1959 com o interesse de premiar autores, editores, ilustradores, gráficos e livreiros com maior destaque anualmente.

⁶ Editora Malê foi fundada em agosto de 2015, no Rio de Janeiro priorizando a edição de textos de literatura (romances, contos, poesia e ensaios) escritos por escritoras negras e escritores negros brasileiros. Seus objetivos específicos são: aumentar a visibilidade de escritores e escritoras negros contemporâneos; ampliar o acesso às suas obras; e contribuir com a modificação das ideias preconcebidas sobre os indivíduos negros no Brasil.

trajetória profissional, veio tarde, mas hoje as condecorações ao seu trabalho são inúmeras. Nos últimos anos a autora é contemplada com diversos prêmios e homenagens, inclusive sendo tema da Ocupação Itaú Cultural, em 2017 e ainda no mesmo ano recebe o prêmio de Literatura do Governo do Estado de Minas Gerais.

Em junho de 2018, após forte e calorosa campanha pelas redes sociais – #ConceicaoEvaristonaABL – Conceição Evaristo se candidatou a ocupar uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Mesmo com a maior campanha popular da história obtém apenas um voto, mantendo à ABL sua tradição de nunca ter tido mulheres negras entre os seus “imortais”. Ainda no mesmo ano lança seu mais novo romance, *Canção para ninar menino grande*, pela Editora UNIPALMARES, estreando seu primeiro protagonista masculino.

Atravessamos o Atlântico. Primeiro foram eles que vieram de lá. Não por escolha, mas traficados. Sequestrados. Tirados de suas terras e separados de suas famílias. Hoje a literatura que faz essa travessia.

A chegada da obra da escritora nigeriana Buchi Emecheta no Brasil acontece em outubro de 2017 com a tradução do romance *As alegrias da maternidade*. Em janeiro deste mesmo ano ocorre a morte da autora. A tradução acontece por meio do clube de assinaturas de livros TAG⁷ e por indicação da também escritora nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie⁸. O livro é muito bem recebido, tornando-se, ainda hoje, a obra com a melhor avaliação pelos assinantes do clube de assinaturas. Em 2018 a editora Dublinense de Porto Alegre publica os romances *As alegrias da maternidade* e o inédito *Cidadã de segunda classe*. Já em 2019 publica o também inédito *No fundo do poço* e em 2020 *Preço de noiva*.

As chamadas novas literaturas em inglês, nas quais incluem-se também as literaturas africanas anglófonas, têm entre seus temas centrais a questão da identidade, subalternização, hibridização cultural, colonização, decolonização, migração e diáspora (ADEAGA, 2006, p. 42). A escritora Buchi Emecheta, em seus três primeiros romances traduzidos no Brasil, *No fundo do poço*, *Cidadã de segunda classe* e *As alegrias da maternidade*, nos traz ficções com traços memorialísticos. Os dois primeiros são

⁷ TAG é um clube de assinaturas mensal de livros no qual por meio de curadorias de autores reconhecidos, outros autores são indicados e seus livros enviados aos assinantes – www.taglivros.com

⁸ Chimamanda Ngozi Adichie é um dos principais nomes da nova literatura nigeriana. Nascida em Enugu, na Nigéria, em 1977, sua obra já foi traduzida em mais de trinta idiomas, com tradução de todos os seus livros no Brasil, além de aparecer em diversos periódicos. Seu romance *Meio sol amarelo* foi adaptado para o cinema e o direito de adaptação de outro romance da autora, *Hibisco roxo*, já foi adquirido – www.chimamanda.com

autobiográficos, mantendo inclusive a mesma personagem principal, Adah. Já o terceiro, *As alegrias da maternidade*, é escrito em um momento de dor, no qual uma das filhas da escritora decide ir morar com o pai, o mesmo pai que renegou a paternidade dos cinco filhos.

A escritora nigeriana Florence Onyebuchi “Buchi” Emecheta nasceu em 1944 na cidade iorubá⁹ de Lagos mas é criada na cidade de Ibuza, sob a tradição igbo¹⁰, raízes essas que seus pais faziam questão de cultivar nela e nos irmãos. No romance *Meio sol amarelo*, a autora Chiamamanda Ngozi Adichie nos fala sobre essas diferentes etnias presentes na Nigéria:

Os britânicos preferiam o Norte. O calor, ali, era agradavelmente seco; os hauçá-fula tinham traços menos largos e, por isso, eram superiores aos sulistas negróides, além de serem muçulmanos, o que significava que eram tão civilizados quanto era possível ser, entre os nativos, sem contar que eram feudais e, portanto, perfeitos para o governo indireto. Emires equânimes recolhiam os impostos para os britânicos, e, em troca, os britânicos mantinham os missionários cristãos bem longe. Por outro lado o Sul, muito úmido, era cheio de mosquitos, animistas e tribos distintas. Os iorubas eram os mais numerosos no Sudeste. No Sudoeste, viviam os ibos, em comunidades republicanas. Não eram nem um pouco dóceis e tinham uma ambição preocupante. Uma vez que não tiveram o bom senso de possuir reis, os britânicos criaram os chefes locais, os mandatários, porque o governo indireto saía bem mais barato à coroa. Os missionários obtiveram licença para domar os pagãos; a cristandade e a educação que levaram floresceu. Em 1914, o governador-geral uniu o Norte e o Sul e sua mulher escolheu um nome. Assim nascia a Nigéria. (ADICHIE, 2008, p. 139-140)

Desde a infância, uma das paixões de Buchi Emecheta era ouvir histórias dos mais velhos, com atenção voltada para a maneira igbo de contá-las. Se encantava em especial pela forma que a tia contava histórias, tendo ela a certeza de que quando crescesse também iria contar as suas. Começa a frequentar a escola quando o irmão mais novo já a frequentava, privilégio adquirido por ser menino dentro da tradição igbo.

O pai morre quando Buchi Emecheta está com oito anos, fazendo com que ela tenha que ir morar com parentes paternos, mais uma vez seguindo a tradição igbo. Com

⁹ Iorubá ou ioruba é um grande grupo étnico da África Ocidental, que hoje possui em torno de 30 milhões de pessoas. É o segundo maior grupo étnico da Nigéria, com maior concentração no sudoeste do país. Na época da transição colônia para uma nação independente, “os iorubás detinham uma política semicentralizada” (OLIVEIRA, 2018, p. 32).

¹⁰ Igbo ou ibo é outro grande grupo étnico africano que habita o sudeste da Nigéria, além de outros países. Era o grupo que dominava as posições de destaque na sociedade no período da transição colônia para um país independente, o que gerou repulsa perante os demais grupos. Utilizavam um sistema de governo segmentário (OLIVEIRA, 2018). Foram massacrados durante a Guerra de Biafra 1967-1970.

a morte do pai, ela e o irmão são transferidos para uma escola inferior. Sua infância é marcada por pobreza e privações. A escritora retrata parte da infância por meio de sua personagem autobiográfica Adah, em *Cidadã de segunda classe*:

Como a maioria das meninas órfãs, deveria passar a morar com o irmão mais velho da mãe e trabalhar para ele como doméstica. Mas foi herdada pelo irmão de Pa, e Boy deveria morar com um dos primos de Pa. Ficou decidido que o dinheiro da família, umas cem ou duzentas libras, seria gasto na formação de Boy. Assim, Boy foi selecionado para um futuro brilhante, estudando numa escola secundária e essa coisa toda. Adah abandonaria a escola, mas alguém argumentou que, quanto mais tempo ela ficasse na escola, maior seria o dote que seu futuro marido pagaria por ela. (EMECHETA, 2018b, p. 27)

No ano de 1954 Buchi Emecheta conquista uma bolsa de estudos em uma escola de elite na cidade de Lagos, escola na qual aprende seu quarto idioma, o inglês. Nesse período a Nigéria ainda é colônia da Inglaterra. Após a Segunda Guerra Mundial acontece um crescimento do nacionalismo nigeriano, iniciando assim um processo de transição de colônia para governo próprio, mas “na conferência pré-independência de 1957, a questão do temor das minorias de serem dominadas pelas três maiores etnias já foi levantada, mas o tema da divisão em mais estados da federação não avançou naquele momento” (OLIVEIRA, 2018, p. 36).

Aos dezesseis anos, Buchi Emecheta completa os estudos, e ao sair da escola, se casa com o jovem Sylvester Onwordi, de quem era noiva desde os onze anos. Já nesse período Buchi Emecheta não mais encontra o seu lugar, os pais haviam morrido e ela não tinha um lugar para voltar. O casamento lhe proporcionaria a possibilidade de ter um lar e realizar o seu sonho de ir para o Reino Unido, tendo em vista que para uma mulher solteira a dificuldade em sair do país seria muito maior.

Desde a morte de seu pai, quando Buchi Emecheta foi morar com parentes, ela havia perdido essa referência de lar, estando sempre em busca desse lugar de referência, o que fez com que acabasse não se encontrando na tradição nigeriana e criando, assim, uma necessidade de ir para o país dos colonizadores, o Reino Unido. Desde criança ela faz uma promessa secreta para si mesmo de que um dia se mudaria para este novo país e que a sua chegada por lá seria o pináculo de suas ambições. Em seu romance *Cidadã de segunda classe* a personagem Adah, ainda criança, já manifesta esse sonho:

Mas fez uma promessa secreta para si mesma: um dia iria ao Reino Unido. Sua chegada ao Reino Unido seria o pináculo de suas ambições.

Não ousava contar a ninguém; podiam concluir que era preciso mandar examinar a cabeça dela, ou algo do tipo. Uma garotinha como ela, com um pai que não passava de empregado na ferrovia e uma mãe que não sabia coisa alguma além da Bíblia igbo e do hinário igbo-anglicano, da Introdução até o Sumário, e que ainda acreditava que Jerusalém se localizava junto à mão direita de Deus! Ir um dia ao Reino Unido era um sonho que Adah guardava consigo, mas sonhos depressa ganham corpo. Seu sonho vivia com ela, exatamente como uma Presença. (EMECHETA, 2018b, p. 23)

Nesse período a Nigéria passa pela transição de colônia para uma nação independente, “tornou-se completamente independente do Reino Unido no dia primeiro de outubro de 1960” (OLIVEIRA, 2018, p. 36). No início do casamento, em uma Nigéria que se tornava independente, o casal Emecheta e Onwordi tem de imediato uma boa ascensão financeira, fruto do trabalho dela em lugares importantes, fazendo com que assuma o sustento da família, além de contribuir financeiramente com os pais de Onwordi e parte do sustento das irmãs dele.

Logo a seguir, ainda nos anos iniciais do casamento, o marido muda-se de Lagos para a Londres para cursar uma faculdade, com todos os custos arcados pela esposa, além de ser mantido por ela no Reino Unido. Algum tempo depois, é a vez da mudança de Buchi Emecheta, que juntamente com os dois filhos pequenos, vão para Londres, para se juntarem a Onwordi. Poucos relatos biográficos da autora apontam, mas um dos motivos de sua saída da Nigéria acontece para que ela também possa estudar.

Chegando em Londres para viver seu grande sonho, o que Buchi Emecheta passa a viver é um casamento abusivo e violento, além de racismo e xenofobia, e até mesmo a discriminação que a família recebe de outras famílias africanas por serem eles migrantes negros, vindos da África, mas que se recusam a darem seus filhos para adoção por alguma família branca, o que é costume acontecer. No romance, um ditado iorubá é lembrado para justificar o comportamento das demais famílias africanas: ““Um cão faminto não brinca com um cão de barriga cheia”. Francis se esquecia de que, para a maioria dos vizinhos, ele tinha o que eles não tinham” (EMECHETA, 2018b, p. 103).

No romance *Cidadã de segunda classe*, a personagem Adah vive a mesma situação da escritora, como nesse trecho: “Todo mundo esperava que Adah agisse da mesma forma. Assim, foi uma enorme surpresa ver que ela não estava fazendo o menor esforço para encontrar mãe adotiva para suas crianças. E agora vinha Francis dizendo que não ia mais tomar conta dos filhos dela” (EMECHETA, 2018b, p. 69).

Para além disso, a autora/personagem questiona o comportamento maternal aceitável no outro país. “Ninguém se preocupava em saber se a mãe era ou não adequada, ninguém queria saber se sua casa era limpa ou não; a única preocupação de todas era que a mãe adotiva fosse branca. O conceito de “brancura” acobertava um sem-número de pecados” (EMECHETA, 2018b, p. 68). Os pecados só não são aceitáveis quando a mãe é negra. “Era obrigada a lavar pilhas e mais pilhas de fraldas, levar o bebê para passear no carrinho durante o dia para tomar sol, atender às suas necessidades com a regularidade de quem serve a um amo, conversar com a criança, mesmo que ela só tivesse um dia de vida!” (EMECHETA, 2018b, p. 69).

O casal tem mais três filhos, em um total de cinco crianças. Em seu tempo livre, Buchi Emecheta escreve o rascunho de um romance, mas o mesmo é queimado por seu marido. Aos vinte e dois anos, com cinco crianças, após viver inúmeras situações de abuso e violência, principalmente por parte do marido, consolida o divórcio, tendo Onwordi renegado a paternidade dos filhos.

Buchi Emecheta trabalha em lugares importantes, tais quais a Biblioteca de Londres, entre outros. Em 1972, aos vinte e oito anos, publica seu primeiro romance *No fundo do poço*. Em 1974 gradua-se em Sociologia e publica o segundo romance, *Cidadã de segunda classe*. Essas duas primeiras obras são autobiográficas com elementos ficcionais. Em 1976 e 1977 publica mais dois livros – *Preço de noiva* e *A pequena escrava* – sendo o primeiro deles a reconstrução dos manuscritos que foram queimados pelo marido. Em 1979 publica seu romance mais famoso: *As alegrias da maternidade*. Ao todo, a autora escreve quinze romances, uma autobiografia, além de peças de teatro e livros infantis.

As obras de Buchi Emecheta apresentam a força da escrita da autora, e também a força em suas personagens femininas. Ao lado da Adah, nos dois romances autobiográficos, *Cidadã de segunda classe* e *No fundo do poço*, passamos pela infância pobre e sofrida da autora/personagem na Nigéria, o casamento, filhos, mudança para Inglaterra, até chegar ao fundo do poço, quando na condição de migrante, ela precisa conciliar os estudos com a criação e cuidados de cinco crianças, enfrentando pobreza, racismo, xenofobia e discriminação, da mesma forma que Adah:

Sempre que pensava em seu primeiro ano na Grã-Bretanha, Adah não conseguia deixar de considerar a hipótese de que a genuína discriminação – se é que o nome correto é esse – que sofrera fora mais obra de seus conterrâneos que dos brancos. Se os negros pudesses

aprender a viver harmoniosamente uns com os outros, se um senhorio caribenho pudesse aprender a não desprezar os africanos, e se os africanos pudessem aprender a contar menos vantagem quanto às riquezas naturais de seus países, talvez houvesse menos sentimento de inferioridade entre os negros. (EMECHETA, 2018b, p. 103-104)

Em seu primeiro romance, *No fundo do poço* (1972), a personagem principal Adah já está em Londres, sem o marido, e com seus cinco filhos, ainda crianças, sob seus cuidados e responsabilidade. Ela vai morar em uma comunidade e apesar de todo os problemas provenientes da pobreza extrema, é nessa vida em comunidade que a personagem encontra acolhimento entre os seus. Buchi Emecheta traz já na sua obra inicial a questão migratória dos países colonizados, na qual diversas pessoas saem das colônias em direção aos países colonizadores, para que quando retornem sejam vistos de forma superiores aos demais.

As alegrias da maternidade (1979) é um romance permeado pela dor da escritora, que no momento da escrita dessa obra estava indo morar nos Estados Unidos e uma de suas filhas opta em ficar em Londres com o pai. O texto, apesar de não ser autobiográfico, é carregado de dor e resistência ao entrelaçar histórias de mulheres que precisam se submeter as mais diversas situações para seguirem a tradição de seu povo. Nnu Ego, a protagonista, sonha em casar, ser mãe e se transformar em “uma mulher completa”, já que essa era a principal função da mulher nessa Nigéria patriarcal e permeada por tradições e costumes. Nnu Ego, após o casamento, não consegue o que seria esperado de uma mulher nessa sociedade: gerar filhos. Quando em um outro casamento consegue ter filhos, seu sofrimento não diminui.

Essa era uma vida com a qual Nnu Ego não sabia lidar. Sentia-se à deriva, como se estivesse em alto-mar. Não recebia ajuda material de nenhum amigo, pois todos estavam ocupados demais ganhando o próprio dinheiro, e ela estava sempre presa em casa com Nnamdio e as gêmeas. Fazia raras visitas às pessoas, não querendo que pensassem que ia a suas casas para ganhar comida. Deixou de comparecer a praticamente todas as reuniões de família; para manter contatos sociais, era preciso se vestir na moda. (EMECHETA, 2018a, p. 229)

Entre a tradição dos igbos e a influência dos colonizadores, as personagens precisam lutar contra os diversos tipos de opressão cultural que lhes recaem, fazendo com que não se encontrem, seja na tradição nigeriana ou na modernidade imposta pela colonização. Nnu Ego só consegue romper com as normas culturais do seu povo após a sua morte.

Para traçar o caminho de encontros e desencontros entre a autoria feminina do Brasil e de Nigéria, utilizamos a Literatura Comparada e sua metodologia que nos permite acompanhar as nuances das duas autoras e seus romances aqui pesquisados. Conceição Evaristo, mulher negra, brasileira, nascida em 1946, escritora que faz da memória e suas vivências o grande aporte de sua escrita. Buchi Emecheta, mulher negra, nigeriana, nascida em 1944, uma escritora que por meio de seu deslocamento para outro país, constrói suas narrativas com base em elementos autobiográficos.

Importante o entendimento de que essa pesquisa se faz no sentido da interdisciplinaridade, pois desde o primeiro instante procuramos trazer os nossos objetos de estudos – *Becos da memória* e *Cidadã de segunda classe* – em um contexto que fossem apresentados não só os aspectos literários, como sociais e políticos, de suas escritas e de suas autoras. Dessa forma, Benjamin Abdala Júnior (2014) aponta que:

O conhecimento de uma literatura envolve o estudo das redes que ela estabelece no plano interno e externo de uma região ou nacionalidade e, simultaneamente, nas redes mantidas com outras áreas do conhecimento. Um conceito amplo de comparatismo literário, como se observa, deve ser visto em termos de supranacionalidade e de interdisciplinaridade. (ABDALA JÚNIOR, 2014, p. 11)

A partir dessa interdisciplinaridade buscamos traçar um percurso que mostre de que forma essas autoras e respectivamente, as obras aqui analisadas, se encontram e também se desencontram em suas histórias, e o que aproxima e o que distancia o projeto de escrita de Conceição Evaristo e Buchi Emecheta. O percurso metodológico abordado na pesquisa busca seguir um fluxo a partir da análise das obras escolhidas. Apesar de termos como objetos de pesquisa dois romances específicos, se faz necessária a leitura de outras obras das autoras no intuito de compreender melhor suas escritas. A construção das trajetórias pessoais e literárias das duas escritoras se mostra importante para que dessa forma seja possível o estabelecimento de uma relação entre a escrita literária e suas vivências e para compreendermos como a memória e relatos autobiográficos de cada uma está presente nessas obras ficcionais.

Essa pesquisa tem como objetivo geral estudar as narrativas de autoria negra, especificamente romances, a partir de escritoras que trabalham a relação autobiografia e ficção, seja ela por intermédio da identidade, memória, violência, resistência e a própria condição do negro. Os objetivos específicos são de entender como a autoria feminina negra encontra maiores obstáculos e dificuldades para publicação, visto o número ainda

pequeno de autoras que conseguem publicar suas obras, e como a literatura se mostra como espaço de privilégio de autoria branca masculina, naturalizando o racismo estrutural.

Buscamos a partir dos romances *Becos da memória* e *Cidadã de segunda classe* entender como essas mulheres, personagens e autoras, se colocam como sujeitos da desobediência epistêmica e como o não acesso a certos espaços acarreta não se ter uma maior produção desses grupos. Utilizamos como opção, de no decorrer do texto, irmos e voltarmos, na literatura brasileira e nigeriana, como possibilidade de um entrelaçado entre as duas escritas.

A pesquisa aqui realizada se mostra relevante ao POSLLI – Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, na linha de pesquisa de Estudos Literários e Interculturalidade, pois permite, mesmo que de modo inicial, por meio da análise e estudos dessas narrativas e autoras, que a autoria negra seja vista também como protagonista dos estudos em literatura.

No primeiro capítulo do trabalho aqui apresentado percorremos a genealogia de escrita de mulheres negras no Brasil e na Nigéria. Em cada país a construção dessa história se dá de forma distinta por serem países que apresentam feridas também diferentes ao que se refere ao povo negro. No Brasil a grande marca é a escravidão e toda a sua dor e crueldade, na Nigéria o tráfico negreiro igualmente cruel e doloroso. Nesse processo, a pesquisa se propõe a pensar a forma na qual a literatura de autoria feminina negra é construída ao longo de sua história nos dois países e suas especificidades – escravidão, independência, guerra civil, entre outros, que estão presentes em todo o processo de escrita.

No segundo capítulo optamos por analisar os processos históricos e sociais que constroem essas mulheres como sujeitos da história a partir das definições de *escrivência*, gênero, raça e classe. Estudos decoloniais nos apontam a direção para pensarmos essas mulheres negras a partir de estudiosos que estão à margem do eurocentrismo científico. Trazemos reflexões sobre o feminismo e o feminismo negro e a forma que eles se apresentam de maneiras diferentes quando falamos em Brasil e Nigéria, sendo todos esses fatos margeadores nas construções das escritas de si feitas pelas romancistas Conceição Evaristo e Buchi Emecheta.

Para o terceiro capítulo apresentamos os romances *Becos da memória* e *Cidadã de segunda classe*, mostrando a memória na forma de alicerce para a escrita de si dessas autoras, e a forma em que essas narrativas se mostram com variações entre as vozes das

personagens e as vozes das escritoras. Isso faz com que por diversas vezes se tenha uma fusão de vozes na narrativa, autoras e personagens. Buscamos ainda a proposta de reflexão sobre os fundamentos da construção dessas narrativas, por meio das duas autoras, os espaços em que as ações ocorrem, os tempos e as construções das personagens.

Os gemidos estão sempre presentes é uma fala de Tio Tatão, o tio nervoso e neurótico de guerra, para Maria-Nova, a menina narradora de *Becos da memória*. Mas essa fala pode ser dita para todas as personagens desse romance uma vez que toda a narrativa é fortemente marcada pelas dores da vivência do povo negro e pobre e suas lutas diárias por sobrevivência. Essa fala se estende também para as lutas de Adah, personagem principal dos romances *Cidadã de segunda classe* e *No fundo do poço*, que desde criança precisa superar dores cada vez mais brutais impostas pela tradição nigeriana e pelas dificuldades em ser mulher em seu país e em ser migrante negra fora dele. São esses gemidos que estão presentes também nessa pesquisa, mas para além da dor há também a liberdade que existe em cada um de nós que consegue se realizar.

1 MULHERES NEGRAS E SUAS NARRATIVAS: RESISTÊNCIA NA HISTÓRIA QUE SE CONSTRÓI

“Para nós mulheres negras, escrever e publicar é um ato político”.
(CONCEIÇÃO EVARISTO, 2017)

Para a antropóloga brasileira Lélia Gonzalez (2020, p. 39), às mulheres não brancas foi negado o direito de serem sujeitos não só do seu próprio discurso, como da sua própria história: “ao nos impor um lugar inferior no interior da sua hierarquia (apoiadas nas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade justamente porque nos nega o direito de sermos sujeitos não só do nosso próprio discurso, como da nossa própria história” (GONZALEZ, 2020, p. 41-42). Para as autoras negras que fazem a escrita de si, a memória alicerça a construção de suas narrativas, e já que os livros em muitas dessas vidas não estiveram presentes, e sim as palavras, diversas delas são as próprias contadoras de histórias.

Brasil e Nigéria apresentam um caminhar diferente ao que se refere a autoria negra feminina de romances. Se as feridas existentes nos dois países são diferentes – escravidão aqui e tráfico negreiro lá – as dores causadas são similares. Na literatura, as mulheres não brancas terão que buscar seu próprio espaço, já que por meio da sua escrita, essas mulheres colocam “ordem no mundo”, como pontuou a teórica chicana (pessoa nascida nos Estados Unidos, mas de origem mexicana) Gloria Anzaldúa: “Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você” (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

No Brasil, a literatura de autoria feminina negra se mostra como um espaço de resistência, pois apesar de todos os percalços, as mulheres negras sempre escreveram. Na Nigéria, esse espaço se apresenta maior somente quando essas autoras migram de seu país. Nesse sentido, entendemos ser necessária a separação desses dois caminhos. Primeiro, percorremos o caminho brasileiro, depois o nigeriano, mas durante todo o trajeto os dois se tocam e andam juntos, com o encontro da vida e obra de Conceição Evaristo e Buchi Emecheta.

1.1 Escrita de mulheres negras brasileiras: uma narrativa de resistência

Barthes (1999, p. 33) afirmou que o escritor é aquele que “age, mas sua ação é imanente ao objeto, ela se exerce paradoxalmente sobre seu próprio instrumento: a linguagem; o escritor é aquele que trabalha sua palavra (mesmo se inspirado) e se absorve funcionalmente nesse trabalho”. O escritor de romances é o que dá voz a um coro de vozes por meio de suas personagens ficcionais, utilizando para isso diversos tipos de narradores. Nos romances, a contação da história é feita a partir do escritor narrando a história do outro, por meio da ficcionalidade.

Desde seu surgimento, o romance aparece fortemente ligado à ascensão da burguesia e seus costumes. Para Bakhtin (1998, p.427), “desde o início o romance foi construído não na imagem distante do passado absoluto, mas na zona do contato direto com esta atualidade inacabada. Sua base repousava na experiência pessoal e na livre invenção criadora”. No Brasil, o romance surge no século XIX também com pertencimento a elite nacional e será essa elite, que a princípio, terá a sua fala trazida para os romances, por meio do burguês e seus costumes.

O romance, enquanto gênero, aparece como algo não consolidado e que “só ele está organicamente adaptado às novas formas de percepção silenciosa, ou seja, à leitura” (BAKHTIN, 1998, p. 397). Para este pesquisador, o romance possui ligação com elementos do presente inacabado o que não o deixa enrijecer, podendo o romancista gravitar em torno de tudo que não está acabado, “ele pode aparecer no campo da representação em qualquer atitude, pode representar os momentos reais da sua vida ou fazer uma alusão, pode se intrometer na conversa das personagens, pode polemizar abertamente com seus inimigos literários” (BAKHTIN, 1998, p. 417). Logo, a autenticidade do autor de romances permite novas relações com o mundo representado.

A literatura é vista como forma de poder, “poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (CUTI, 2010, p. 12). O pesquisador Barthes indaga sobre quem detém esse poder: “Quem escreve? Falta-nos ainda uma sociologia da palavra. O que sabemos é a palavra é um poder e que, entre a corporação e a classe social, um grupo de homens se define razoavelmente bem pelo seguinte: ele detém, em diversos graus, a linguagem da nação” (1999, p. 31).

Mas o que se busca, além da possibilidade de dizer sobre o mundo, sociedade e si próprio, é ter visibilidade dentro de todos esses espaços e lugares – mundo, sociedade e si próprio. Por isso, hoje, existe uma grande movimentação no sentido de legitimar o lugar

de fala também dentro da literatura, o que pode vir a gerar um desconforto na escrita que sempre existiu. É a partir dessa movimentação que surgem as novas vozes, as novas possibilidades e as novas formas de se fazer e de pensar a literatura brasileira.

Utilizamos no decorrer deste trabalho, para designar a literatura feita por escritores negros brasileiros, o termo literatura negro-brasileira, utilizada e explicada pelo pesquisador e escritor Cuti (2010):

A palavra “negro” é uma das mais polissêmicas do vernáculo. Sua polissemia quem sabe, contribuiria para seu desprezo na caracterização de um corpus. Afro-brasileiro, expressão cunhada para a reflexão dos estudos relativos aos traços culturais de origem africana, independeria da presença do indivíduo de pele escura, e, portanto, daquele que sofre diretamente as consequências da discriminação. (...) Portanto, a palavra “negro” nos remete à reivindicação diante da existência do racismo, ao passo que a expressão “afro-brasileira” lança-nos, em sua semântica, ao continente africano, com suas mais de 54 nações, dentre as quais nem todas são de maioria de pele escura, nem tampouco estão ligadas à ascendência negro-brasileira. Remete-nos, porém, ao continente pela via das manifestações culturais. Como literatura é cultura, então a palavra estaria mais apropriada a servir com selo. (CUTI, 2010. p. 39-40)

As primeiras inquietações acerca da produção literária realizada no Brasil pelos negros africanos aqui escravizados e seus descendentes foram feitas por estudiosos estrangeiros, porém “a literatura negro-brasileira, do sussurro ao grito, vem alterando para isso, ao buscar seus próprios recursos formais e sugerir a necessidade de mudança de paradigmas estético-ideológicos” (CUTI, 2010, p. 12).

Pensar o surgimento de personagens negras não estereotipadas, de autores e leitores negros, é pensar também na incorporação de elementos que foram subtraídos da cultura literária, mas que sempre existiram, já que estavam ali na intenção de participarem e serem vistos, lidos, ouvidos, pois “as rupturas desse círculo têm sido realizadas principalmente pelas suas próprias vítimas e por aqueles que não se negam a refletir profundamente acerca das relações raciais no Brasil” (CUTI, 2010, p. 25).

Importante ressaltar que a literatura brasileira era feita para leitores brancos e para uma crítica literária também branca. Com o tempo, mudanças nessas estatísticas foram acontecendo, e com isso o negro quis dizer-se negro.

Quando o escritor negro, pela primeira vez, quis dizer-se negro em seu texto, deve ter pensado muito na repercussão, no que poderia atingi-lo como reação ao seu texto. Dizer-se implica revelar-se e, também,

revelar o outro na relação com o que se revela. O branco, como recepção do texto de um negro, historicamente foi hostil. Vencer essa hostilidade lastreada na postura de quem não se dispõe a dividir o poder com alguém que, por quatro séculos, teve o mínimo de poder é a grande aventura do escritor negro que se quer negro em sua escrita. (CUTI, 2010, p. 51)

A literatura feita por autores brancos, após os primeiros autores negros reivindicarem para si a identidade junto aos discriminados, continuou enfatizando a imagem do negro de forma estereotipada, por meio da construção de personagens que apontavam para a miséria da população negra. Em *Becos da memória*, Conceição Evaristo aponta sobre uma forma não pejorativa da palavra negro: “Gostou de ouvir a palavra negro pronunciada por um negro, pois o termo negro, ela só ouvia na voz de branco, e só para xingar: negro safado, negro filho da puta, negro baderneiro e tantos defeitos mais!” (EVARISTO, 2017, p. 95).

Na literatura brasileira foi realizada uma construção imagética do sujeito negro, fazendo uso de características como hiper sexualização, desajustes morais e psíquicos e ausência de beleza, na busca de sustentar uma equivocada inferiorização da população negra. Já a literatura escrita pelo próprio sujeito negro caminha em direção oposta, no intuito de humanizar essas personagens, como explicitado por Conceição Evaristo:

Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral. (EVARISTO, 2009, p. 19-20)

Conceição Evaristo, na ficção, nos falou da força dessas personagens por meio do não morrer de Tio Totó, de *Becos da memória*: “Contudo Totó era homem duro. Não morria por qualquer coisa. Talvez ele nem fosse de morrer. Pedras pontiagudas batiam sobre o seu peito, sangravam seu coração e Tio Totó ali duro. São, salvo e sozinho” (EVARISTO, 2017, p. 29). Em outro trecho, nos mostra dor e sensibilidade na construção da mesma personagem:

Era doloroso ver Tio Totó esconder nas mãos o rosto, seus cabelos agora totalmente brancos, sentado, encolhidinho, chorando tanto. A menina se aproximava, na tentativa de consolá-lo, abraçando o velho. E, sem pudor, sem orgulho algum, sem vergonha de serem vistos, os dois libertavam o pranto. Tio Totó chorava por todas as dores juntas. Era um choro nervoso, desesperado. A dor ficara muito tempo, muitos anos estancada no peito. Agora jorrava como sangue em hemorragia. (EVARISO, 2017, p. 130)

Ainda para o pesquisador Cuti, “o surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas” (2010, p. 11), sendo assim de grande importância a ocupação desses espaços pelos negros.

O trabalho dos negros brasileiros esteve – e se mantém – presente em praticamente todos os campos artísticos, desde o período colonial. Já o reconhecimento, nem sempre se faz presente, e na literatura não acontece diferente. Para Fernanda R. Miranda (2019, p. 17), a literatura, a história e a sociologia estão mais perto do que longe “e a obra literária, sabemos, é um meio tanto para aprendermos dinâmicas históricas não documentadas em outros suportes quanto para entendermos diversos aportes das engrenagens sociais em interação na sociedade”.

O pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2004) sobre a divulgação e circulação da literatura produzida por negros, aponta que:

No caso da literatura, essa produção sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos, circulou muitas vezes de forma restrita, em pequenas edições ou suportes alternativos. Em outros casos, existe o apagamento deliberado dos vínculos autorais e, mesmo, textuais, com a etnicidade africana ou com os modos e condições de existência dos afro-brasileiros, em função do processo de miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória desta população. (DUARTE, 2004, p. 1)

A escrita negra, por um longo período, se mantém sob fogo cruzado ao que se refere a sua temática. Se apresenta no tema central assuntos relacionados ao povo negro, o autor é acusado de escrever sobre tema único, mas caso o autor não trate da questão de cor e raça, é acusado de se omitir e de não representar o negro.

Pesquisadores da área de literatura negra, os teóricos Cuti e Eduardo de Assis Duarte, se debruçam em estudos sobre a escrita literária negra, tendo um entendimento e

fazendo apontamentos que a literatura negro-brasileira é formada justamente em suas especificidades, tanto ao que se refere a autoria quando em construção de narrativas e personagens.

É a partir dessas especificidades – sujeito negro na autoria, criação de personagens não estereotipadas, entre outras – que a construção da literatura negro-brasileira tem seu alicerce. Autores de diversas épocas, que escrevem de diversas formas, dão a pluralidade de toda essa obra, que cada vez mais, vem crescendo em número de publicações e leitores. Bakhtin (1998) enfatiza sobre especificidades em romances:

Toda especificidade é histórica. O porvir da literatura não é só crescimento e mudança nos limites das inabaláveis fronteiras de sua especificidade, ele abala as próprias fronteiras. O processo de modificação das fronteiras pelo domínio da cultura (inclusive da literatura) é um processo extremamente lento e complexo. (...) No romance, enquanto gênero que se constitui, estes sintomas da transformação da especificidade revelam-se muito mais frequentes, nítidos e bem mais característicos, pois é o romance que o os encabeça. O romance pode servir como documento para a previsão dos grandes destinos, ainda longínquos, da evolução literária. (BAKHTIN, 1998, p. 422)

Partindo, então, da especificidade do contexto social brasileiro no qual as mulheres negras possuem pouco acesso aos estudos e por consequência à literatura, direcionamos nossa pesquisa no sentido de pensar a maneira como a romancista negra brasileira caminha desde o princípio até os dias atuais, com um aumento considerável na representatividade entre as publicações nacionais.

Pensar o negro na literatura brasileira, de forma centrada no romance, desde a sua construção inicial, com personagens estereotipadas, perpassando pelos romances em suas primeiras autorias femininas negras e chegar aos dias atuais, em que temos uma maior publicação dessas autoras, nos faz entender que a literatura é uma representação artística socialmente construída. A mulher negra sempre escreveu, e isso ficou evidente quando encontramos a primeira publicação ainda no século XIX.

Apesar do pouco espaço, por vezes destinado a autoras negras, Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, dentre outras, nos mostram que essas mulheres se fazem ouvir. Elas escrevem, publicam, por vezes são festejadas na mídia, circulam entre intelectuais, são traduzidas e lidas. Se hoje o mercado editorial se abre em maior número à essa escrita é porque existem leitores a espera dessas publicações.

Ter o negro contando suas próprias histórias oportuniza que a história seja contada de um outro lugar. Conceição Evaristo em *Becos da memória* fala sobre esse movimento de resistência na vida de cada negro que consegue se libertar:

Tio Tatão dizia que as pessoas morrem, mas não morrem, continuam nas outras. Ele dizia também que ela precisava se realizar. Deveria buscar uma outra vida e deixar explodir tudo de bom que havia nela. Um dia ele disse, quase como se estivesse dando uma ordem (Tio Tatão era nervoso, neurótico de guerra): - Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não poder ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos. (EVARISTO, 2017, p. 111)

Mesmo com toda essa movimentação em pensar os grupos minoritários dentro da literatura brasileira contemporânea, existe ainda a predominância de um perfil específico e hegemônico. Uma pesquisa de mapeamento do romance brasileiro, intitulada: *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*, realizada na Universidade de Brasília pela pesquisadora Regina Dalcastagnè, nos contextualiza sobre o perfil da autoria do gênero publicado pelas grandes editoras do Brasil e nos dá uma perspectiva do porquê se pensar em uma autoria dessas minorias.

Todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 147)

Os problemas existentes na literatura brasileira podem ser pensados a partir de diversos lugares e sob diferentes aspectos. Pensar o lugar de fala nos romances brasileiros, sob a autoridade da autoria feminina negra é uma das possibilidades para analisarmos novas problemáticas literárias. Para Bakhtin (1998, p. 398), o romance “é o único gênero que ainda está evoluindo no meio de gêneros já há muito formados e parcialmente mortos”. Justamente por ser um gênero em evolução que nos permite refletir acerca de outras possibilidades em suas narrativas:

O romance é o único gênero em evolução, por isso ele reflete mais profundamente, mais substancialmente, mais sensivelmente e mais rapidamente a evolução da própria realidade. Somente o que evolui pode compreender a evolução. O romance tornou-se o principal personagem do drama da evolução literária na era moderna precisamente porque, melhor que todos, é ele que expressa as tendências evolutivas do novo melhor que todos, é ele que expressa as tendências evolutivas do novo mundo, ele é, por isso, o único gênero nascido naquele mundo e em tudo semelhante a ele. O romance antecipou muito, e ainda antecipa, a futura evolução de toda literatura. (BAKHTIN, 1998, p. 400)

Assim, é possível pensar em uma evolução na qual a construção das personagens, do narrador e até mesmo o espaço da crítica literária, venha ao encontro da busca pela autenticidade dessas vozes, de forma que outros grupos não precisem os ‘representar’ para que somente assim a sua literatura seja legitimada.

Umberto Eco (2011) aponta o problema em reintroduzir o “tipo”, pois falar em “personagem típica é pensar na representação por meio de uma imagem”, assim pontuado:

Os termos das polêmicas são histórica e culturalmente postos de lado: se o tipo é tentativa, por parte da arte, de atingir à generalidade e à discursividade da filosofia, então a tipicidade é a negação mesma da arte, visto que toda a estética contemporânea se afanou em elaborar os conceitos do individual, do concreto, do original, do insubstituível da imagem artística. (ECO, 2011, p. 212)

Conceição Evaristo em *Becos da memória*, traz personagens que saem desses estereótipos criados em torno do negro, com histórias e memórias de diversas formas:

Hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado! Havia as doces figuras tenebrosas. E havia o doce amor de Vó Rita. Quando eu soube, outro dia, já grande, já depois de tanto tempo, que Vó Rita dormia embolada com ela, foi que me voltou esse desejo dolorido de escrever. Escrevo como homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bolas da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin. (EVARISTO, 2017, p. 17)

Pensar a genealogia da escrita de mulheres negras é perpassar pela luta abolicionista e chegarmos ao entendimento que as mulheres negras afro-brasileiras fazem uso da literatura na forma de importante arma de criatividade e palco de resistência do sujeito da diáspora africana. Zilá Bernd (2003) enfatiza que os vários discursos de grupos discriminados “funcionam como o elemento que vem preencher os vazios da memória coletiva e fornecer os pontos de ancoramento do sentimento de identidade, essencial ao ato de autoafirmação das comunidades ameaçadas pelo rolo compressor da assimilação” (BERND, 2003, p. 13).

Fernanda R. Miranda (2019) ressalta a importância de se pensar a escrita de autoria feminina negra à parte da literatura brasileira, que tem sua construção canônica constituída majoritariamente por homens brancos. Tentando, assim, compreender quem pode fazer uso do discurso, a teórica reitera que “a questão não é inquirir a literatura brasileira perguntando se a mulher negra pode falar, o ponto é: ela fala. Sua fala está publicada desde o século XIX pelo menos” (MIRANDA, 2019, p. 46). E essa fala acontece em forma de romance publicado, pela primeira vez, em 1859 com a maranhense Maria Firmina dos Reis em sua obra *Úrsula*.

Maria Firmina dos Reis (1825-1917), mulher negra, maranhense, é a precursora na escrita feminina de romances brasileiros. O seu romance de estreia, *Úrsula*, foi bem aceito, sendo inclusive noticiado e divulgado na imprensa maranhense. Porém, ao longo da história, a obra não foi citada nos próprios estudos de literatura maranhense, sendo a obra redescoberta por acaso já na década de 1970. A publicação de sua segunda edição acontece somente em 1975, mais de um século após seu lançamento.

Úrsula é também o primeiro romance de autoria feminina negra a ser publicado no Brasil e o precursor na temática abolicionista. Dialoga com características do romantismo, visto o período em que a obra foi escrita e inaugura os caminhos da chamada literatura negro-brasileira. A temática de negritude é criada a partir do negro contando a história. O ‘eu’ da escritora negra está presente em sua narrativa, apesar de seu isolamento estético literário, junto a escritores negros, por meio da subjetividade negra na escrita.

Segundo Zahidé Lupinacci Muzart (2000, p. 264 *apud* DUARTE, 2004, p. 10) “pela primeira vez o escravo negro tem voz e, pela memória, vai trazendo para o leitor uma África outra, um país de liberdade”. As palavras de mãe Susana, personagem negra de *Úrsula*, nos fala dessa memória:

Liberdade! Liberdade... ah! Eu gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca de mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. (REIS, 2018, p. 67)

Maria Firmina dos Reis e outros autores, não puderam se declarar negros ou mestiços de forma explícita, foram “autores impelidos a uma negrícia ou negrura abafadas e tendo na literatura uma forma de expressão do retorno do recalçado” (DALCASTAGNÈ; EBLE, 2017, p. 201). Porém, mesmo sem essa voz autoral negra assumida, não podemos falar que existe nesse texto um descomprometimento racial.

Maria Firmina dos Reis constrói a figura do negro ‘homem’ e não ‘escravo’, como era comum na literatura brasileira. Apesar disso, as personagens negras têm poucas passagens no romance, com poucas falas, estando à margem do enredo principal. Pensando que o primeiro romance de autoria negra feminina foi escrito no século XIX, e ainda a existência de uma tradição romanesca na literatura brasileira, passados mais de um século e meio desde *Úrsula*, as mulheres negras ainda configuram com um baixo número de publicações no Brasil. No prólogo de sua obra, Maria Firmina dos Reis nos dá esse direcionamento:

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. Então por que o publicas? – perguntará o leitor. Como uma tentativa, e mais ainda, por este amor materno, que não tem limites, que tudo desculpa – os defeitos, os achaques, as deformidades do filho – e gosta de enfeitá-lo e aparecer com ele em toda a parte, mostrá-lo a todos os conhecidos e vê-lo mimado e acariciado. (REIS, 2018, p. 14)

A literatura nacional manteve o espaço de privilégio da autoria branca, masculina e elitista na forma de cânone literário, trazendo também para esse espaço o racismo estrutural¹¹. Maria Firmina dos Reis passa por um longo período de apagamento, mas

¹¹ Para um maior entendimento sobre a conceituação de racismo estrutural trazemos a definição do termo utilizada por Silvio Luiz de Almeida: “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não

atualmente sua obra vem sendo resgatada e lida. *Úrsula* teve sua primeira publicação em 1859 e até 2017 contava com seis edições, já em dezembro de 2018 contava com dezoito edições, fato esse também estimulado por sua indicação de leitura obrigatória para diversos vestibulares do país.

Na literatura brasileira ter um romance escrito por uma mulher negra, ainda no século XIX, pode nos remeter ao imaginário de que teríamos um campo profícuo. A historiografia literária reflete a forma que a sociedade brasileira vivencia a inserção do negro como sujeito. Poderíamos contar com mais frutos, mais romances publicados, porém após a primeira publicação de autoria feminina negra, é necessário quase um século para que um segundo romance, de uma outra mulher negra, seja publicado.

Existe um intervalo de publicação desse gênero literário com autoria de mulheres negras por um período de oitenta e sete anos. Pensando a literatura na forma de comunicação que surge nos espaços que unem autor-obra-público, o conhecimento do jeito que esses elementos se relacionam no tempo e espaço pode ajudar a compreender os caminhos pelos quais a literatura vai se construindo e se constituindo enquanto expressão de uma sociedade. Se a mulher negra não consegue visibilidade social, ela também encontra dificuldade para se fazer presente na literatura.

O segundo romance de autoria feminina negra publicado no Brasil, *Água funda*, da mineira Ruth Guimarães, da mesma forma que *Úrsula*, é bem aceito e celebrado pela imprensa. É a primeira romancista negra a ser publicada após a abolição da escravatura. A autora faz parte do modernismo brasileiro e é considerada a precursora do chamado realismo mágico brasileiro. São narrados os “causos” da região do Vale do Paraíba e do sul de Minas Gerais, cujas muitas personagens são entrelaçadas pela oralidade, crenças populares e realidades do interior do Brasil. A autora tem uma extensa publicação, apesar de um único romance. Circulou pela classe intelectual de São Paulo, estudando na Universidade de São Paulo e manteve seu interesse na oralidade, folclore e cultura popular.

Apesar da ótima aceitação, a segunda edição só acontece em 2003, com prefácio de Antônio Cândido e revisão feita pela própria autora. Ruth Guimarães é a primeira autora negra a conseguir ter uma importante projeção nacional, esteve sempre ao lado da

sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção” (ALMEIDA, 2021, p. 50).

intelectualidade e do centro literário, e mesmo assim são necessárias quase seis décadas para que aconteça uma segunda edição do seu romance.

Carolina Maria de Jesus publica sua primeira obra, *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, em 1960. Nesse diário a autora narra seu cotidiano de mulher negra, moradora da favela e catadora de recicláveis. A escrita da autora se torna algo considerado como “exótico” pelos críticos da literatura brasileira. Conceição Evaristo aponta sobre isso imagem criada em torno de Carolina Maria de Jesus:

O que se torna interessante para discutir sobre a escrita de Carolina Maria é o desejo de escrever vivido por uma mulher negra e favelada. O desejo, a crença e a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável. Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento. Uma favelada, que não maneja a língua portuguesa – como querem os gramáticos ou os aguerridos defensores de uma linguagem erudita – e que insiste em escrever, no lixo, restos de cadernos, folhas soltas, o lixo em que vivia, assume uma atitude que já é um atrevimento contra a instituição literária. Carolina Maria de Jesus e sua escrita surgem “maculando” – sob o olhar de muitos – uma instituição marcada, preponderantemente, pela presença masculina e branca. (EVARISTO, 2009, p. 28)

A pesquisadora Fernanda R. Miranda (2019) ressalta sobre o sucesso de estreia da escritora Carolina Maria de Jesus:

Carolina Maria de Jesus entrou no mundo das letras de forma avassaladora. *Quarto de despejo – diário de uma favelada* (1960), seu livro de estreia, é uma obra paradigmática para a história editorial no Brasil. Os dados que a tornam um dos nossos maiores *best-sellers* nacionais são bastante conhecidos: nos três primeiros dias após o lançamento foram vendidos dez mil exemplares. A primeira tiragem, que inicialmente seria de 3.000 livros, passou a 30.000, esgotada em três meses somente em São Paulo. (MIRANDA, 2019, p. 159-160)

Quarto de despejo – diário de uma favelada é a primeira obra de autoria feminina negra traduzida para outro idioma e mantém ainda hoje Carolina Maria de Jesus como a autora negra brasileira mais traduzida para outros idiomas. Em 1963 a autora publica seu primeiro romance, *Pedaços de fome*, sendo a obra o terceiro romance de autoria feminina negra publicado no Brasil – *Úrsula* e *Água funda* são os precursores. A partir de então passamos a ter uma maior regularidade na publicação das romancistas negras no Brasil.

Ruth Guimarães e Carolina Maria de Jesus saem de Minas Gerais e vão viver em São Paulo, ambas no ano de 1937. As duas se definiam como mulheres pobres e negras. Seguem trajetórias distintas. Carolina Maria de Jesus publica seu segundo romance, *Diário de Bitita*, mais de vinte anos após o primeiro. Nesse intervalo, de 1963 a 1986, outros quatro romances, de três autoras negras – Anajá Caetano, Aline França (duas obras) e Marilene Felinto – são publicados no Brasil. As personagens negras, aqui, já ocupam um outro espaço na literatura. É o negro contando a sua própria história e mais uma vez a subjetividade da vida permeará a obra escrita. Uma periodicidade anual na publicação dessas autoras só acontece a partir de 2013, num total de vinte e nove romances publicados de 1859 à 2019.

Percorrendo o caminho de mais de um século e meio desde a primeira publicação de um romance de autoria feminina negra, chegamos aos dias atuais, em que temos uma autora negra como Conceição Evaristo. Ela chega atualmente ao seu terceiro romance – além da publicação de poemas, contos, ensaios – circulando entre os principais nomes da literatura brasileira, concorrendo a uma vaga para a Academia Brasileira de Letras, vencendo os mais diversos prêmios da literatura brasileira, entre eles o Prêmio Jabuti, e com diversas traduções de suas obras (até mesmo em árabe, o que aconteceu recentemente com o seu romance *Becos da memória*). O sucesso de Conceição Evaristo e de outras autoras negras é a concretização dos esforços que, em outros momentos, foram feitos para que essas publicações ocorressem.

A série *Cadernos Negros* do grupo Quilombhoje e outras diversas antologias se tornam a forma que a autoria negra encontra para se fazer publicar. Os editais específicos para escritores negros e as editoras que se especializaram em publicações da literatura negro-brasileira, surgem em forma de iniciativas que propiciam que essas autoras tenham suas obras publicadas. Se hoje existe um maior número de publicações desses romances é porque existe uma demanda de leitura para essas obras e porque todo um percurso de coletividade foi sendo construído no sentido de possibilitar que esses autores e autoras sejam lidos e conhecidos.

Ao trazermos a mulher negra brasileira escritora e intelectual na contemporaneidade temos a literatura negro-brasileira “como um lugar para repensar a realidade social em crise, e ainda mais, atua como espaço de reflexão para problematizar as relações sociais e culturais assimétricas e iníquas que têm perpetuado divisões de gênero e étnico-raciais ao longo da história do Brasil” (SANTOS, 2018, p. 234).

Pensando na literatura na forma de espaço de reflexão acerca de comportamentos e relações sociais, entendemos que as publicações de autoria feminina negra no Brasil crescem junto com outras demandas raciais, e assim, a cada dia se firma na maneira de um espaço de resistência e visibilidades para as mulheres negras que escrevem e sempre escreveram.

1.2 Escrita da literatura nigeriana: a construção de suas histórias

A história do continente africano precede a interferência ocidental, porém a África herdou dois grandes marcos dessa interferência: a escravidão e a colonização. São os efeitos devastadores desse segundo, a colonização, que estão mais presentes na literatura africana. Ressaltamos que “o desenvolvimento de literaturas dos povos colonizados deu-se como uma imitação servil a padrões europeus, atrelada a uma teoria literária unívoca, essencialista e universalista” (BONNICI, 1998, p. 8).

Os deslocamentos dentro da própria Nigéria também estiveram presentes em processos nos quais são narradas a saída das aldeias para a vida em cidades grandes, já sob forte influência da colonização inglesa, assim “as narrativas de caráter nacionalista assim como aquelas que privilegiam os processos de deslocamento e temas afins fazem parte da expressiva produção literária das escritoras diaspóricas” (HARRIS, 2018, p. 9).

Importante ressaltar que quando ocorre a ocupação do território africano pelos europeus, esses colonizadores dividem as nações africanas de forma totalmente arbitrária, alterando as estruturas sociais das famílias e suas comunidades.

Guerras de libertação tendem a criar, igualmente, figuras emblemáticas de cunho nacional a serem emuladas. Isso dá oportunidade para que etnias “rivais” lutem lado a lado contra o inimigo comum, moldando uma identidade nacional compartilhada. No movimento de independência da Nigéria, não ocorreu nenhum desses fatores, uma vez que o processo se deu de forma negociada...Nesse estado de coisas, as etnias tendem mais a se dividirem para garantir seu pedaço de poder político e econômico dentro da nova realidade que está se formando. (OLIVEIRA, 2018, p. 38-39)

Sob os efeitos do eurocentrismo, temos na literatura, durante um grande período, um continente africano representado de forma ocidental, o que gera como resposta uma necessidade dos literários africanos em reivindicarem sua própria identidade. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019) nos mostra os perigos da história sob um

único ponto de vista: “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2019, p. 26).

Reconhecer-se em uma representação artística, no caso da literatura, é dar legitimidade a grupos sociais e, se apenas um grupo está sendo representado, está contando essa história, não há pluralidade e diversidade nessa representação, já que “as histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar” (ADICHIE, 2019, p. 32).

Em 1958, em *O mundo se despedaça*, o nigeriano Chinua Achebe¹² apresenta aos críticos ingleses o nascimento do romance pós-colonial, no qual ele trata de forma ridícula um “administrador colonial que deseja escrever um livro sobre os costumes primitivos dos selvagens do alto do Rio Niger quando o autor já havia exposto a complexidade de costumes, religião, hierarquia, legislação e provérbios da tribo do Igbos em Umuofia” (BONNICI, 1998, p. 12), conforme vemos no trecho abaixo:

Durante os muitos anos em que arduamente vinha lutando para trazer a civilização a diversas regiões da África, tinha aprendido várias coisas. Uma delas era que um comissário distrital jamais deveria presenciar cenas pouco dignas, como, por exemplo, o ato de cortar a corda de um enforcado. Se o fizesse, os nativos teriam uma pobre opinião dele. No livro que planeja escrever, daria ênfase a esse ponto. Enquanto percorria o caminho de volta ao tribunal, ia pensando em seu livro. Cada dia que passava trazia-lhe um novo material. A história desse homem que matara um guarda e depois se enforcara daria um trecho bem interessante. Talvez rendesse até mesmo um capítulo inteiro. Ou, talvez, não um capítulo inteiro, mas pelo menos, um parágrafo bastante razoável. Havia tantas coisas mais a serem incluídas, que era preciso ter firmeza e eliminar os pormenores. O comissário, depois de muito pensar, já havia escolhido o título do livro: *A pacificação das tribos primitivas do Baixo Niger*. (ACHEBE, 2009, p. 152-153)

¹² Chinua Achebe (1930-2013) é considerado por muitos teóricos e críticos o pai da literatura nigeriana moderna. Apesar de pertencente a etnia igbo, foi educado em inglês e sob o cristianismo. Estudou na Universidade de Ibadan, local em que trocou o curso de medicina pelo de artes liberais. Desenvolveu um estilo próprio de escrita, na junção da influência do romance europeu com a tradição oral da etnia igbo. Em 1958 escreveu sua obra mais importante *O mundo se despedaça*, que hoje está na lista de obras fundamentais da literatura africana, com mais de 20 milhões de cópias vendidas e traduzido em mais de 50 línguas. Foi um apoiador da independência de Biafra, chegando a ir para os Estados Unidos divulgar o que estava acontecendo com seu povo igbo durante a Guerra de Biafra. Falece em 2013 sendo considerado um dos mais importantes escritores do século XX.

Narrado em terceira pessoa, o romance *O mundo se despedaça* conta a história do guerreiro igbo Okonkwo, que apesar de ter um pai sem títulos e glórias, consegue se destacar em sua tribo Umuófia, que era formada por nove aldeias. Tem três esposas, e vários filhos. Se torna um homem respeitado por todos. A narrativa apresenta os valores, costumes e ritos tribais de forma detalhada, mostrando como foram mantidos por diversas gerações. A chegada do branco colonizador, por meio dos missionários britânicos e o cristianismo, traz junto a desestabilização do então relativo equilíbrio que existia entre as tribos.

Além da nova religião, o colonizador leva para Umuófia uma nova forma de governo, a escola, a polícia e suas leis. Acontece uma grande adesão por parte dos próprios moradores da aldeia à essa nova crença. Okonkwo não se conforma, inclusive com a adesão por parte de seu filho mais velho, Nwoye, fazendo com que ele não o considere mais seu filho.

Okonkwo demonstra seu lado mais humano em sua relação com a filha Ezinma, a filha única de sua segunda esposa, Ekwefi. A mulher já havia tido nove filhos e todos morrem ainda criança, e Ezinma parece que veio para ficar, o que é dito pela própria mãe. Okonkwo está disposto a guerrear por sua tribo, mas a adesão à nova religião é grande. A desintegração de sua cultura acontece de forma gradual com a chegada do estrangeiro. Para ele é demais, o que o leva ao suicídio. Nessa narrativa, a imposição da nova religião por parte dos colonizadores, triunfa.

Entre as escritoras nigerianas, Florence Nwanzuruahu Nkiru Nwapa, conhecida como Flora Nwapa, é considerada a “mãe” da moderna literatura africana. Ela é a primeira romancista africana a ter uma obra publicada na Grã-Bretanha e dessa forma, atinge o reconhecimento internacional. Flora Nwapa nasce na cidade de Oguta, região sudeste da Nigéria, no ano de 1931, ainda no período colonial. Nascida em uma família com boa posição social, tendo mãe educadora, lhe é permitido uma boa formação educacional. Ela se forma como educadora na Escócia, em 1958.

De volta ao seu país, leciona geografia e inglês, além de ser professora universitária. Tem um importante papel na reconstrução da Nigéria após a Guerra de Biafra, trabalhando com órfãos e refugiados. Seu primeiro romance é *Efuru*, publicado em 1966. Este romance, juntamente com o *Promised Land* da queniana Grace Ogot, são os primeiros romances de autoras africanas anglófonas publicados.

Apoiada pelo escritor Chinua Achebe, Flora Nwapa é a primeira mulher a ter uma obra publicada na Nigéria. Já nesse primeiro romance escrito por uma mulher nigeriana,

Efuru, a temática é o questionamento sobre o papel da mulher na sociedade nigeriana daquela época. *Eferu* narra a história da personagem que dá nome ao romance. Ela abandona a casa do pai para se casar com o homem escolhido, retornando a essa mesma casa como uma mulher divorciada.

Nwapa coloca o seu romance em estreito diálogo com o modelo de Achebe, ao situar a acção numa comunidade rural, no final da década de 1940, início da de 50, e ao pretender evocar igualmente a cultura Igbo e a respectiva estrutura social e religiosa sob o efeito do colonialismo. Neste mesmo quadro, porém, o mundo feminino aparece em primeiro plano, através de uma oralidade constante, e centrada nas pequenas coisas do quotidiano concreto das mulheres. A mulher é autónoma, independente, e capaz de exercer, no espaço privado como no espaço público, uma intervenção superior à do homem. (MARTINS, 2011, p. 126)

Flora Nwapa publica ainda mais quatro romances, além de duas coleções de histórias e um volume de poesias. Seus romances possuem sempre protagonistas mulheres que buscam sua independência econômica, além de liberdade para viverem na sociedade nigeriana.

Por uma série de razões, Flora Nwanzuruahu Nwapa estava destinada a fazer uma importante contribuição no estudo das mulheres Igbo e sua cultura, e no desenvolvimento dos estudos das mulheres africanas. A sua formação familiar e os contextos históricos em que cresceu prepararam Flora para as tarefas que se avizinham. Crescente em uma sociedade que estava testemunhando uma enorme transformação, Flora Nwapa estava capaz de dominar com sucesso os mundos indígenas, coloniais e pós-coloniais de os Oguta (Ugwuta), os Igbo e Nigerianos. (CHUKU, 2013, p. 267)

Para Chuku (2013, p. 274) é importante o reconhecimento da escritora para os estudos feministas, mas também é importante entender as contradições das representações ficcionais de mulheres no texto de Nwapa. No mundo fictício da autora, existe uma tolerância em certos comportamentos desde que o mesmo resulte em maternidade, o que não ocorre entre os igbos. Porém, é preciso entendermos as diversas tradições existentes para além de uma visão ocidental e eurocêntrica:

É uma suposição generalizada no Ocidente que as culturas "tradicionalistas" oprimir as mulheres, que as culturas "modernas" libertam as mulheres, e assim que as ideias e práticas europeias ("modernas") só podem ajudar a libertar ("tradicionalistas") as mulheres africanas, indianas ou outras não europeias. No entanto, em últimos anos, vários estudiosos

demonstraram que essa suposição não é apenas injustificada, mas quase totalmente ao contrário, pelo menos no caso de mulheres Igbo. Especificamente, dentro da sociedade Igbo tradicional, as mulheres tinham considerável autonomia econômica, política e cultural. A sociedade igbo era amplamente patriarcal. No entanto, a liberdade e o poder das mulheres eram bastante significativos, e certamente foi muito além de qualquer coisa conhecida em, digamos, Inglaterra do século XIX. Foi só com a vinda de europeus colonialismo que o status das mulheres em Igboland diminuiu. Na verdade, sob domínio colonial, as mulheres Igbo foram sistematicamente privadas de todas as formas de autonomia. Eles perderam seu sustento, suas práticas culturais (substituídas por muito mais rígidas práticas patriarcais anglo-cristãs), e suas práticas políticas posição. (HOGAN, 1999, p. 47)

Nas últimas décadas do século XX a literatura diaspórica, em especial, as narrativas nacionalistas, que são frutos dos movimentos pela independência das ex-colônias, vão abrindo espaço para as obras de escritores com outras perspectivas acerca dos espaços geográficos e culturais, “de todas as explosões que sacudiram o continente africano nas últimas décadas, poucas foram tão espetaculares e tão benéficas, como o surgimento da literatura africana, jogando um pouco de luz aqui e ali sobre uma área antes mergulhada na escuridão” (ACHEBE, 2012, p. 82).

Ao que se refere aos escritores migrantes, muitas vezes eles se apresentam em uma espécie de não lugar estando entre as culturas e tradições do local que se parte e o que se chega. A crítica e teórica indiana Gayatri Spivak enfatiza que as histórias do mundo pós-colonial não são as mesmas que surgem na “colonização interna”:

A diaspórica pós-colonial pode levar vantagem (na maioria das vezes, sem saber, devo acrescentar) da tendência em combinar as duas narrativas na metrópole. Assim, essa informante muitas vezes inocente, identificada e bem-vinda como a agente de uma história alternativa, pode ser o lugar de um quiasma, ou seja, do cruzamento de uma dupla contradição: em casa, a representante do sistema de produção da burguesia nacional; fora dela, a tendência a representar o neocolonialismo pela semiótica da “colonização interna”. (SPIVAK, 2019, p. 256)

Cada vez mais as obras de escritores de países africanos chegam ao Brasil, permitindo o acesso a leituras que, em outros momentos não se fazem possível. Apesar de relevância literária e histórica da escritora Flora Nwapa, e de ser uma grande influência para as autoras nigerianas que vêm depois, não existe tradução em português de nenhuma de suas obras.

Chimamanda Ngozi Adichie é atualmente um dos nomes mais importantes da

chamada nova literatura nigeriana e também é influenciada pela escrita de Nwapa. Nascida na cidade de Enugu, em 1977, suas obras possuem tradução em mais de trinta idiomas. Todas as suas obras – romances, contos e ensaios – estão traduzidas no Brasil, o que a coloca como a autora nigeriana mais lida e conhecida no país.

Filha de pais que trabalhavam na Universidade da Nigéria, Chimamanda cresce no meio universitário e aos dezenove anos se muda para os Estados Unidos onde se forma em Comunicação e Ciências Políticas, seguido de Mestrado em História da África. Seu primeiro romance, *Hibisco Roxo* (2003) é premiado, assim como o segundo romance, *Meio sol amarelo* (2006), sendo este adaptado para o cinema. Seu terceiro romance *Americanah* (2013) é eleito com um dos dez melhores livros daquele ano pelo *New York Times*.

Seus ensaios sobre feminismo são relevantes para a discussão do tema. Em *Para educar crianças feministas: um manifesto*, Chimamanda Adichie escreve uma carta à uma amiga que havia lhe pedido conselhos de como criar sua filha para que ela seja feminista, “saber cozinhar não é algo que vem pré-instalado na vagina. Cozinhar se aprende” (ADICHIE, 2017, p. 22). É nesse tom de ironia e questionamentos sobre as definições dos papéis de gênero que o ensaio é construído.

No romance *Meio sol amarelo*, de Chimamanda Adichie, temos uma narrativa em terceira pessoa, mas a partir de três perspectivas diferentes: a de Ugwu, um menino pobre, de aldeia, que vai morar na cidade para trabalhar na casa do professor universitário e revolucionário Odenigbo; a perspectiva de Olanna, a moça da etnia ibo, rica e bela, de família abastada, que se torna professora universitária e opta por viver ao lado de Odenigbo e a perspectiva de Richard, o jornalista britânico que, fascinado pela história da África se muda para o continente africano em busca de escrever um romance.

A narrativa é iniciada nos anos de 1960, ano esse de independência da Nigéria. Pelos encontros de intelectuais na casa do professor universitário, é contada uma parte da história da Nigéria recém-independente, com a possibilidade de uma Guerra Civil.

A possibilidade de três perspectivas distintas nos traz uma compreensão do recorte histórico narrado, partindo de lugares e costumes que possuem angulações também diferentes. O menino da aldeia, permeado pela tradição e costumes da Nigéria colonial, onde ali, ao ouvir as conversas intelectuais na sala do patrão, aponta para as primeiras interferências para um mundo não tradicional. O professor universitário, que apesar de ser também um nigeriano, tem todas as interferências de quem estudou e se formou em língua inglesa, além de ter contato com diversas pessoas de outras nacionalidades. E o

jornalista britânico, o de fora, o que vem do Reino Unido, o que traz a dita modernidade e tudo o que ela gera no país.

Nesse entrelaçar de personagens de lugares diferentes, Chimamanda Adichie traz um romance histórico, com a possibilidade de entendimento sobre como a tradição foi alterada e por vezes massacrada, com a entrada do externo. Nesse caso, o Reino Unido, que sobrepõe seu modelo de governo ao que já existe na Nigéria, acreditando que os que ali estão não tem condições de governar e se achando superiores: “Uma gente vermelha de álcool e sol. Soltavam risadas e comentavam que a política nigeriana ainda era muito tribal, que talvez eles ainda não estivessem prontos para se autogovernar” (ADICHIE, 2008, p. 67-68).

Em *Cidadã de segunda classe*, a narradora também fala sobre o comportamento dos ingleses, só que agora ela estando no país deles:

A Inglaterra é um país silencioso; as pessoas aprendem a esconder seus sentimentos e trancá-los muito bem trancados, como o gim ilegal que seus pais bebiam em casa. Se você se enganasse e desarrolhasse a garrafa, o gim sairia borbulhando. Uma ou duas vezes ela já vira ingleses e inglesas se comportarem como seres humanos, mas por que seria que eles só se comportavam assim quando saíam dos bares cambaleando, nos sábados à noite? (EMECHETA, 2018b, p. 143)

Voltando a *Meio sol amarelo*, os ingleses provocam uma guerra civil entre os próprios nigerianos, um massacre entre os irmãos. Durante a narrativa um romance está sendo escrito por uma das personagens, e essa escrita vai nos apresentando os recortes históricos.

Ele escreve sobre a Independência. A Segunda Guerra Mundial mudou a ordem do mundo: o Império desmoronava e uma elite nigeriana que dizia o que pensava, quase toda ela no Sul, surgira nesse meio tempo. O Norte estava inquieto: temia o domínio o Sul, bem mais instruído e sempre quis separar dos sulistas infiéis. Entretanto os britânicos tinham de manter a Nigéria como ela era – uma criação deles de alto valor, uma grande mercadoria, um espinho no olho da França. Para favorecer o Norte, ajeitaram as eleições pré-independência em favor do Norte e redigiram uma nova constituição que dava aos nortistas o controle sobre o governo central. O Sul, ansioso pela independência, aceitou a constituição. Com os britânicos fora, haveria coisas boas para todo mundo: salários de “branco” há muito tempo negados aos nigerianos, promoções, altos cargos. Nada foi feito em relação ao clamor dos grupos minoritários, e as regiões já estavam competindo tão ferozmente que algumas queriam ter embaixadas estrangeiras separadas. Em 1960, na época de sua Independência, a Nigéria era um conjunto de fragmentos presos por um frágil fecho. (ADICHIE, 2008, p. 184-185)

E o romance, que a princípio parecia ser escrito pelo britânico, é na verdade uma construção do menino da aldeia. Um crescimento da tradição, enquanto o que vem de fora, tem seu declínio. *O mundo estava calado quando nós morremos* é o título do livro que é escrito dentro da própria narrativa.

Chimamanda Adichie é quem nos apresenta Buchi Emecheta, em 2017, por meio da curadoria e indicação de *Alegrias da maternidade* para um clube de assinatura de livros. Trazer a escritora nigeriana Buchi Emecheta e sua obra memorialística para esse estudo é possibilitar a descolonização do olhar para a literatura africana, enxergando assim, a figura da mulher africana em uma outra perspectiva.

Na literatura nigeriana a construção da escrita de mulheres se dá de forma na qual tradição, colonização, migração e retorno (ou não) ao país de origem atravessam toda a obra dessas autoras. Na literatura africana, em especial nos romances de Buchi Emecheta, temos a predominância de um cenário da Nigéria colonial, que mantém suas tradições e costumes, perpassando pelo período de transição colônia para um país independente, em 1960, além da vida de uma migrante nigeriana na Inglaterra, isso nos dois romances autobiográficos.

Enquanto gênero se torna uma das categorias mais importantes a ser estudada, e tendo essa categoria um outro sentido no continente africano, é preciso entender que as “análises e interpretações sobre a África devem começar na África. Elas precisam refletir e se basear em contextos culturais e locais específicos, e não em ideias e conceitos importados, normalmente coloniais” (OYĚWŪMÍ, 2020, p. 95).

Na Nigéria, então colônia, é enraizada a ideia de que era preciso ir ao Reino Unido em busca da civilização e assim se tornar uma pessoa civilizada, “os valores, os estilo e os parâmetros inculcados nos acadêmicos confirmaram a superioridade da civilização europeia, com a consequente degradação e total rejeição de qualquer manifestação cultural nativa, considerada inferior, primitiva e selvagem” (BONNICI, 1998, p. 11).

A personagem Adah mostra essa alegria ao chegar ao Reino Unido. É a realização do sonho da menina: “Adah abriu muito os olhos, depois os fechou outra vez, sem deixar de tiritar. Então haviam chegado. Havia chegado ao Reino Unido. Pa, estou no Reino Unido, cantava seu coração para o pai morto” (EMECHETA, 2018b, p. 54). Mas, em muitos aspectos, esse modelo não é absorvido pelos nigerianos, como nesse relato no qual a mesma personagem fala de sua mãe e a sua não ocidentalização:

A Ma de Adah nunca passou pela experiência de ficar pagando

hipoteca, nunca soube o que era ter um automóvel para a família ou se preocupar com o funcionamento do motor do carro; não se preocupava com poluição, explosão populacional ou questões de raça. Assim, o que há de surpreendente no fato dela viver feliz, ignorando as assim chamadas alegrias da civilização e todas as suas armadilhas? (EMECHETA, 2018b, p. 21)

O ocidente exerce uma importante interferência na forma de pensar das colônias e desta forma influencia parte do comportamento do continente africano. Harris aponta sobre isso:

Os movimentos migratórios contínuos e em grande escala, intensificados a partir da segunda metade do século XX e motivados em grande parte por premências político-econômicas vêm contribuindo para a re-avaliação e desconstrução de cartografias e de categorias epistemológicas. As rupturas desencadeadas a partir de deslocamentos múltiplos – geográficos, culturais, linguísticos e psíquicos – afetam marcadamente as relações de gênero, em especial as mulheres, que precisam negociar com duas ou mais culturas enquanto repensam suas afiliações nacionais e até mesmo categorias epistemológicas tais como nação, lar e comunidade. Considerando-se que a distinção entre espaço público e espaço privado está firmemente arraigada no imaginário da sociedade patriarcal, o locus crucial para tais negociações é a casa, espaço feminino por excelência. (HARRIS, 2009, p. 37)

A vida de Buchi Emecheta, e também de sua personagem Adah, mulheres negras migrantes em Londres, caracterizando-as como sujeitos da diáspora, aponta para uma vivência marcada por deslocamentos. Em *No fundo do poço*, a personagem Adah e seus cinco filhos, já sem o pai, vão morar no Residencial Pussy Cat, local em que vivem as famílias-problemas atendidas pela assistência social. Apesar de todos os problemas lá encontrados, desde mofo, lixo, sujeira, até a intromissão dos vizinhos em sua vida, nesse local, Adah encontra o acolhimento de viver em comunidade. Para além da casa do pai, o Residencial Pussy Cat é o único lugar no qual Adah se sente pertencer.

O pequeno grupo conversava, fofocava e ria; todas felizes. Elas encontravam alegria na tristeza comunitária. Crianças corriam entre as pernas delas, contentes ao se verem perto de suas mães. Adah não tinha mais saudade de casa. Estava começando a se sentir um ser humano de novo, com um papel definido a desempenhar, mesmo que o papel tivesse que ser no fundo do poço. Era sempre bom e acolhedor no poço. Naquela noite, ela agradeceu a Deus por suas boas vizinhas. (EMECHETA, 2019, p. 91)

Diante de todas as dificuldades, Adah sai do trabalho por causa dos filhos e passa

a receber o benefício do governo. Continua a estudar. Pelos grandes problemas do prédio, os moradores lutavam para que sejam realocados para outros locais. E assim acontece, até o grupo de últimos moradores, os quais incluem Adah. Se Conceição Evaristo e sua personagem Maria-Nova passam por um processo de desfavelamento, Buchi Emecheta e Adah enfrentam a realocação, deixando memórias e vivências para trás.

Enfatizado por Achebe, a nova literatura africana, assim como a velha, permite possibilidades para celebrar a humanidade do continente africano e a interação do mundo contemporâneo de forma cada vez mais estreita com os diversos mundos dos outros (ACHEBE, 2012, p. 103). Buchi Emecheta, em sua escrita, apresenta uma força literária com o compromisso da quebra de estereótipos da mulher nigeriana e africana, colocando em evidência sua realidade diária e a opressão das normas sociais. Sua obra questiona diversos temas, por meio de sua autêntica perspectiva feminista com destaque para a educação da mulher; a valorização da maternidade na forma de única preocupação possível, a violência degradante do colonialismo e a cultura que deslegitima sua autonomia.

Nesse período o país é dominado pela colonização inglesa, de forma que muitas pessoas saem das aldeias para trabalharem nas casas dos colonos nas cidades maiores. Existe um grande impacto da Segunda Guerra Mundial nessas famílias, o que obriga os homens a lutarem na guerra ao lado da Inglaterra, de forma que muitas vezes não sabem ao menos porque estão lutando. Porém, há o grupo de homens que sabem que a independência da Nigéria é questão de tempo. Em *Cidadã de segunda classe*, é dito sobre isso:

Esses homens estavam a par da situação política mundial e sabiam que o colonialismo, tal como acontecera com o comércio de escravos, em breve se tornaria caro demais para os amos coloniais; que o desenlace seria a independência – num movimento semelhante ao da libertação dos escravos quando sua manutenção se tornara excessivamente cara. O último prego do caixão havia sido a independência da Índia. Logo chegaria a vez deles. Em breve a Nigéria se tornaria independente. Esses homens estimavam que com a independência viria a prosperidade, o momento de terem um governo independente, além da disponibilidade de empregos de alto nível e mais dinheiro, dinheiro à beça. Só que era preciso ter qualificação para esses empregos, pensavam eles. O único lugar capaz de assegurar essa qualificação, esse passaporte para a prosperidade, era a Inglaterra. Era preciso ir para a Inglaterra, fazer cursos rápidos de direito e voltar para governar seu país. O que poderia ser mais adequado? (EMECHETA, 2018b, p. 117)

Odenigbo, personagem do romance *Meio sol amarelo* de Chimamanda Ngozi Adichie fala sobre o mundo pós-colonial: “A grande tragédia do mundo pós-colonial não é não ter dado à maior parte a chance de dizer se queria ou não esse novo mundo; a grande tragédia é que a maioria não recebeu as ferramentas para negociar nesse novo mundo” (ADICHIE, 2008, p. 124).

As personagens dos romances de Buchi Emecheta são construídas de forma a nos leva a entender o comportamento de diversas delas. A personagem principal de *As alegrias da maternidade*, Nnu Ego, é uma personagem que enfrenta todas as dores da maternidade, e das mudanças trazidas pela vida na cidade, sob influência da colonização inglesa. Seu destino é trágico tanto pela modernidade quanto pela tradição. Ela só consegue romper com essas tradições que são impostas às mulheres e ter algum reconhecimento, após a sua morte:

Dizem que as pessoas que estão para morrer, seja afogadas seja por uma doença terminal gradativa, dedicam os últimos poucos momentos de consciência percorrendo a própria vida caleidoscopicamente, e Nnu Ego não era exceção à regra. A dela começara vinte e cinco anos antes, numa cidadezinha igbo chamada Ibuza. (EMECHETA, 2018a, p. 14)

A partir desses apontamentos temos a necessidade de pensar o conceito de gênero com foco nas experiências e epistemologias culturais africanas, apesar do racismo estrutural global existente (OYĚWÙMÍ, 2020, p. 88). O papel da mulher na cultura africana possui um recorte diferente da conceituação de gênero no ocidente, visto que no ocidente esta é uma categoria de construção sociocultural. O questionamento se refere a utilização dos conceitos universais na pesquisa de gênero, que tendem a partir da definição de família nuclear patriarcal, “a família nuclear é uma família generificada por excelência. Cada casa, ocupada apenas por uma família, é centrada em uma mulher subordinada, um marido patriarcal e seus filhos” (OYĚWÙMÍ, 2020, p. 88), isso mesmo para estudos africanos, que muitas vezes enxerga esse modelo de família como “alienígena” na África.

A dualidade opositiva macho/fêmea, homem/mulher e o privilégio masculino que a acompanha nas categorias de gênero ocidentais é especialmente alienígena para muitas culturas africanas. Quando realidades africanas são interpretadas com base nessas alegações ocidentais, o que encontramos são distorções, mistificações linguísticas e muitas vezes uma total falta de compreensão, devido à incomensurabilidade das categorias e instituições sociais. (OYĚWÙMÍ,

2020, p. 93)

Nessa construção sociocultural de gênero, tendo em vista que mulher não se torna conceito universal, é necessária a reflexão que mulheres em culturas diversas terão outras necessidades, “de se atentar ao imperialismo, à colonização e outras formas locais e globais de estratificação. Esses outros pontos de vista emprestam peso à afirmação de que o gênero não pode ser abstraído do contexto social e de outros sistemas de hierarquia” (OYĚWÙMÍ, 2020, p. 88).

Ainda para Oyèwùmí (2021) “todos os conceitos trazem consigo suas próprias bagagens culturais e filosóficas, muitas daquelas das quais se tornam distorções forâneas quando aplicadas a culturas diferentes das quais derivam” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 17). É nesse espaço de pensar a mulher africana frente a costumes e tradições de seu país, que Buchi Emecheta se apresenta na forma de autora.

Emecheta leva a tradição e costumes igbos para as suas obras. A forte tradição do homem pagar pela noiva, a tradição de que após a morte de um homem da família, o irmão mais velho irá herdar essa família, em especial a esposa, já que os filhos dependerão da situação financeira desse irmão. Este costume acontece, inclusive, com a mãe da escritora, fazendo com que Emecheta e seu único irmão fossem para casas diferentes. A vida da autora sob a tradição igbo faz com que ela leve essa influência para os seus romances, porém além das tradições e costumes, ela traz também os questionamentos por meio de personagens femininas acerca destas imposições.

Pensar a escrita de Buchi Emecheta partindo do pressuposto que “as análises e interpretações sobre a África devem começar na África” (OYĚWÙMÍ, 2020) e em outros estudos decoloniais é um caminhar na busca de conhecer a história do continente africano sob uma outra perspectiva. O fato de a escritora ser criada sob a tradição igbo é retratada em suas obras, que falam desses costumes que são mantidos por esse povo e que passam a ser questionados por algumas de suas personagens femininas. Em uma passagem do romance *Cidadã de segunda classe*, a personagem Adah foi apresentada à autores negros não nigerianos:

Adah não conhecia nenhum escritor negro exceto os raros nigerianos, como Chinua Achebe e Flora Nwapa, e não sabia da existência de outros. Bill estalava a língua, desaprovador, e lhe dizia que era o fim, uma garota negra inteligente como ela ter tão pouco conhecimento sobre seu próprio povo negro. (...) Foi graças a Bill que Adah tomou

conhecimento de James Baldwin. Lendo Baldwin, passou a acreditar que *black is beautiful*, negro é lindo. (EMECHETA, 2018b, p. 220-221)

No percurso entre a tradição da Nigéria antes do período colonial, as ditas modernidades impostas pela colonização inglesa e a vida em uma Inglaterra vista como moderna, Adah/Buchi está sempre à procura do seu lar, mas não encontra seu espaço nem na tradição nem na modernidade. Esse não pertencimento é algo muito familiar ao sujeito da diáspora, e na literatura produzida por essas escritoras migrantes, a questão do lar se torna uma questão problema já que essas mulheres estarão entre tradições e culturas diversas.

Os imbricamentos das questões de gênero, etnia e classe social, que figuram no processo diaspórico, não ocorrem de modo uniforme e estão sujeitos às especificidades do contexto, como observamos nas representações literárias criadas por escritoras migrantes. A problematização da ideologia do retorno ao lar – *locus* associado automaticamente à mulher e a própria ressignificação do conceito de lar influenciada pelos processos diaspóricos contemporâneos – são temas abordados com frequência, refletindo uma multiplicidade de experiências. (HARRIS, 2018, p. 10)

Autores diversos fizeram reflexões e apontamentos sobre essa conceituação de lar/casa. Para Rosemary George (1999, p. 84) a “palavra lar/casa evoca de imediato a esfera privada de hierarquia patriarcal, da identidade engendrada assim como as noções de abrigo, conforto, sustento e proteção”. Avtar Brah define assim lar/casa “lugar mítico do desejo na imaginação diaspórica” sendo possível revisitá-lo somente como espaço geográfico e ainda associa a definição de lar/casa à “experiência vivida de uma localidade” (BRAH, 1996, p. 192).

A vida de Adah, apresenta esse deslocamento ainda na Nigéria, já que após a morte de seu pai, ela tem uma vida permeada de sofrimento e dor, não se encontrando em nenhum lugar e desta forma, não possuindo um lar. A necessidade de um lar a leva a um casamento. É nesse caminhar que ela se descobre escritora. Entre o nascimento de um filho e outro, no total de cinco crianças, e a presença de um primo e depois um marido, ambos abusivos e violentos, ela consegue ter força para construir suas memórias. Assim com a personagem Adah, é também nesse caminhar permeado por dores que Buchi Emecheta se faz escritora.

2 A *ESCREVIVÊNCIA* COMO CONDUTORA NA CONSTRUÇÃO DE ROMANCES MEMORIALÍSTICOS

*“Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós
Tudo, tudo, tudo que nós tem é
Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós”
(EMICIDA, 2019, Principia)*

Em seu clássico ensaio *Um teto todo seu*, de 1928, a romancista inglesa Virginia Woolf afirma que “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (WOOLF, 1990 [1928], p. 6). Imprescindível se pensar na pluralidade da condição feminina, com a interseccionalidade de gênero, raça e classe, para um entendimento sobre a representação e modo em que as mulheres são inseridas de formas mais diversas nas sociedades.

Pensar acerca dessa afirmação de Woolf nos remete ao entendimento que universalizar a categoria mulher, sem o recorte de raça e classe, traz uma exclusão dentro do próprio feminismo. Qual mulher terá um teto todo dela para escrever ficção? Carolina Maria de Jesus escreve em seu barraco na favela, rodeada pelos filhos, pela fome e pela vida miserável. Tantas outras autoras negras não têm esse teto todo seu e mesmo assim escrevem ficção.

Gloria Anzaldúa ainda enfatiza de forma mais visceral o ato de escrever da mulher de terceiro mundo:

Esqueça o quarto só para si — escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar. Eu escrevo sentada no vaso. Não se demore na máquina de escrever, exceto se você for saudável ou tiver um patrocinador — você pode mesmo nem possuir uma máquina de escrever. Enquanto lava o chão, ou as roupas, escute as palavras ecoando em seu corpo. Quando estiver deprimida, brava, machucada, quando for possuída por paixão e amor. Quando não tiver outra saída senão escrever. (ANZALDÚA, 2000, p. 233).

Dessa, maneira a interseccionalidade entre gênero, raça e classe se tornam essenciais para a compreensão da forma que essas mulheres se relacionam com a escrita e se constroem como autoras. Os acontecimentos históricos e suas consequências

atravessam suas obras enquanto sujeitos sociais que as mesmas são, apresentando uma escrita que traz também a possibilidade de se entender o que acontece na sociedade.

Brasil e Nigéria possuem caminhos diferentes na literatura de autoria negra feminina, e são atravessados por dores também distintas, porém são permeados por nuances que tantas vezes aproximarão as duas literaturas. Se para o Woolf, a mulher precisa “ter um teto todo seu” para escrever ficção, para a mulher negra esse processo vai acontecer de uma forma totalmente diferente, como Buchi Emecheta relata em sua dedicatória do romance *Cidadã de segunda classe* (2018b): “Para os meus queridos filhos Florence, Sylvester, Jake, Christy e Alice, sem cujos adoráveis ruídos de fundo este livro não teria sido escrito”, e são com esses ruídos que a autoria feminina negra existe.

Ruídos da casa, dos becos da favela, da rua e da vida. *Becos da memória* é uma celebração da vida dos favelados, em suas vivências de pobreza, dores e afetos. *Cidadã de segunda classe* relata as dores da mulher nigeriana e assim tecem, pela *escrevivência*, os caminhos dessas narrativas.

2.1 *Escrevivência*: a escrita de si das mulheres negras

A literatura de autoria feminina negra e a construção de suas narrativas são atravessadas pela maneira na qual a mulher negra se constitui enquanto sujeito de resistência, tanto no Brasil quanto na Nigéria. No Brasil, é o sujeito da diáspora africana que aqui chega escravizado. Na Nigéria, é um povo dizimado e retirado de onde estão suas raízes, em razão do tráfico de pessoas negras. Assim, pensamos a literatura constituída a partir de escritoras formadas e atravessadas por essas dores.

Trouxemos, então, o conceito de *escrevivência* criado por Conceição Evaristo no intuito de que como categoria de estudo, ele se estabeleça como uma base importante para os caminhos percorridos em nossa pesquisa.

Quando a escritora Conceição Evaristo traz o conceito de *escrevivência*, o usa como referência ao processo de escravização no Brasil, pensando nesse conceito como um outro lado da oralidade, e de quando as mulheres negras que até então só lidavam com a oralidade, passam a fazer uso da escrita.

Às mulheres negras, mucamas, era dada a obrigação de contar histórias para os brancos da casa grande por meio da oralidade e assim os adormecer.

Uma escritora negra não tem sua autoria analisada de forma separada em vida e obra, pois a subjetividade de sua vida atravessará as suas palavras. Conceição Evaristo enfatiza sobre essa subjetividade no texto:

Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. (...) E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influencia em minha subjetividade. E pergunto: será que o ponto de vista veiculado pelo texto se desvencilha totalmente da subjetividade de seu criador ou criadora? (EVARISTO, 2009, p. 18)

É o que a escritora Conceição Evaristo chama de *escrevivência*, que numa definição simples, é o termo utilizado por ela ao se referir sobre o encontro de sua obra e sua vida, ou escrita e vivência. A autora cunha o termo para nomear seu procedimento narrativo no qual mistura invenção e fato.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. *Depoimento Conceição Evaristo para abertura de livro*. (DUARTE; NUNES, 2020, p. 11)

Conceição Evaristo não se apresenta de outra forma, é a sua vida de mulher negra que perpassa sua obra e no romance *Becos da memória* faz esse caminho de forma memorialística e com forte presença de elementos autobiográficos. Conceição Evaristo sobre conceituação de *escrevivência*, aponta que a “*escrevivência* antes de qualquer

domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. *Escrevivência* não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida” e ainda completa “pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno” (DUARTE; NUNES, 2020, p. 35).

Sendo a autora a nossa maior referência na literatura negro-brasileira atual, Conceição Evaristo (2017) pontua que “para nós mulheres negras, escrever e publicar é um ato político (...). Publicar é um ato político para nós e precisamos jogar isso na cara de quem está aí para confrontar”. A construção literária do negro contado a partir de autores brancos sempre esteve disponível, e assim continua, em maior volume por meio de um maior número de publicações. Mas oportunizar que a autoria feminina negra se faça presente na literatura brasileira é acreditar que uma outra escrita é possível.

Para a escritora, “a nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ninar os da casa grande e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21), e dessa forma as escritoras negras tomam posse de uma escrita no sentido de causar incômodo, pensando essa escrita como algo que não se dá pelas palavras, mas também pela vivência nascida na subjetividade das mulheres negras.

A ideia de *Escrevivência* talvez possa trazer algo novo para a teoria da literatura pensar. Parece-me que o conceito de autoficção, de escrita de si, de narrativas do eu, e até de ego-história, quando um historiador resolve, por meio do aparato da ciência que ele conhece, narrar a sua vida, como sujeito histórico, como sujeito da história de seu tempo, o conceito de *Escrevivência* pode ser pensado por parâmetros diferentes dos colocados para pensar as categorias citadas anteriormente. (DUARTE; NUNES, 2020, p. 38)

Becos da memória possui uma dramaticidade intensa, trazendo para a literatura a mesma tensão de quem possui uma vida marcada cotidianamente pela violência em suas mais diversas formas. “A vida passou e passou trazendo dores” (EVARISTO, 2017, pág. 20), e essas dores enfatizadas no romance são as dores trazidas pelas vivências das escritoras.

Os fragmentos que compõem *Becos da memória* procuram aliar a denúncia social a um lirismo de tom trágico, o que remonta ao mundo íntimo dos humilhados e ofendidos, tomados no livro como pessoas

sensíveis, marcadas, portanto, não apenas pelos traumas da exclusão, mas também por desejos, sonhos e lembranças. Violência e intimismo, realismo e ternura, além de impactarem o leitor, revelam o compromisso e a identificação da intelectual afro-descendente para com aqueles colocados à margem do que o discurso neo-liberal chama de progresso. (OLIVEIRA, 2009, p. 86)

Nesse romance de Conceição Evaristo ocorre um fácil deslizamento da prosa do romance para a escrita de si, o que acontece, quase sempre, por meio de uma projeção da autora na personagem Maria-Nova. E a menina personagem cresce na dor: “Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo. A vida não brincava com ela nem ela brincava com a vida. Ela tão nova e já vivia mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua” (EVARISTO, 2017, pág. 76). É a *escrevivência* da autora acontecendo mais uma vez.

E Maria-Nova escuta histórias, e a partir delas sabia que um dia iria contar a história do seu povo, por isso escolhe as histórias tristes para guardar na memória.

Gosto de ouvi-lo afiar a lâmina. Imagino a dor se ele me retalhar a carne. Hoje quero tristeza maior, maior, maior... Hoje quero dormir sentindo dor. Maria-Velha parece que adivinhava os desejos de Maria-Nova. E, quando a menina estava para o sofrer, a tia tinha tristes histórias para rememorar. Contava com uma voz entrecortada de soluços. Soluços secos, sem lágrimas. Sabia-se que ela estava chorando pela voz rouca e pela boca amarga. (EVARISTO, 2017, p. 33)

Por meio das memórias dos favelados, em especial a dos mais velhos, ela tece uma rede de pequenas e grandes histórias em sua imaginação. O que, no romance, é feito em forma de pequenos relatos, como nos mostra este trecho em que a menina ouve as histórias dos mais velhos:

Maria-Velha e Tio Totó ficavam trocando histórias, permutando as pedras da coleção. Maria-Nova, ali quietinha, sentada no caixotinho, vinha crescendo e escutando tudo. As pedras pontiagudas que os dois colecionavam eram expostas à Maria-Nova, que escolhia as mais dilacerantes e as guardava no fundo do coração. (EVARISTO, 2017, pág. 30)

Podemos analisar *escrevivência* como formada a partir de elementos como corpo, condição e experiência do sujeito, um encontro entres os três na vida de uma pessoa. O corpo remete a própria pele e estereótipos que ela cria, já sendo visto como um próprio ato de resistência. A condição estaria mais ligada ao conjunto, a um coletivo, aquilo que

autora/personagens junto aos “seus” enfrentam no dia-a-dia. A experiência, no caso de *Becos da memória*, tem uma atribuição de credibilidade à narrativa, já que nos apresenta a aproximação entre a autora e a personagem Maria-Nova.

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção de vida. (...) Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura dominante, escrever adquire um sentido de insubordinação. (EVARISTO, 2007, p. 20-21)

O universo das mulheres negras é sobretudo o lugar de identificação da autora e esse lugar de sujeito autoral é recriado por meio das características das personagens femininas. “Maria-Nova, presente em *Becos da memória*, aos nossos olhos, compõe-se de rastros do sujeito autoral: menina, negra, na infância, habitante de uma favela e que vê na escrita uma forma de expressão e resistência à sorte de seu existir” (OLIVEIRA, 2009, p. 88). Assim, temos que *Becos da memória* se constrói em tom de oralidade e por meio de fragmentos que se apresentam como situações verossimilhantes aos ocorridos com a autora Conceição Evaristo.

Essa interação, por assim dizer, entre escrita e vivência, tão destacada na escrita de autoria negra, se mostra como um compromisso identitário e comunitário. Essa vivência tão marcada por enfrentamentos e obstáculos se mostra como algo constante nessa literatura, pois, como enfatiza Conceição Evaristo, “na origem da minha escrita, ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas, contando em voz alta umas para as outras as suas mazelas, assim como suas alegrias” (EVARISTO, 2007, p. 19). E essa interação tem sido uma constância na escrita literária negra de diversos países.

Nesse sentido, temos que a escrita em forma de território desconstrói os silenciamentos históricos e cria experiências sociais e esse tem sido o caminho percorrido por escritoras negras contemporâneas, principalmente ao que refere à produção das literaturas pós-coloniais da América Latina e África, local onde está inserida Buchi Emecheta (NUNES, 2020, p. 5).

Cidadã de segunda classe tem em sua construção também a *escrevivência*, mas que ocorre de forma a ter muitos elementos autobiográficos e que são colocados de forma

explícitos no texto. A personagem Adah possui uma escrita-presença, é por meio dela que a protagonista busca o processo de transformação, utilizando-a como importante auxílio na desconstrução do patriarcado nigeriano e dominação masculina. Por meio da escrita para o eu, se constrói um espaço de identidade, demarcando o lugar da escritora nesse território de diáspora.

Dava para senti-lo, ele podia até dirigir nossos atos; primeiro de forma inconsciente, até virar uma realidade, uma Presença. Adah não sabia com certeza o que originara seu sonho; quando, afinal, tudo começara. (EMECHETA, 2018b, p. 11)

Mas para entendermos os passos da escrita da autora nigeriana Buchi Emecheta é importante caminharmos nos estudos em que conceitos têm a sua estrutura estabelecia a partir de estudos decoloniais e que nos mostram outras perspectivas, inclusive ao que se refere a categoria de gênero. “Para o sujeito diaspórico no contexto pós-colonial, a demarcação de sua presença através da escrita se torna ainda mais complexa, pois é preciso considerar as questões culturais e as implicações raciais na terra do colonizador” (NUNES, 2020, p. 7).

Ainda na reflexão sobre o processo migratório de Buchi Emecheta e sua personagem Adah, Francisco Romário Nunes (2020) pontua que:

Pensando o romance *Cidadã de segunda classe*, ao imigrar com os filhos para a Inglaterra, onde encontra o marido, Adah tem a visão de que ela e os filhos são sujeitos de segunda classe por serem africanos, além de sofrer com o preconceito racial e a estigmatização da sua cultura e o modo de falar o inglês nigeriano. Entretanto, empregada em uma biblioteca, a personagem enxerga no poder da escrita a possibilidade de ser Presença, se não para os outros, para si mesma. (NUNES, 2020, p. 9)

E ainda por meio dessa escrita, pensar o quanto ela é o caminho para a libertação de autora e personagem nesse romance, como NUNES (2020) enfatiza: “a escrita é liberdade. A relação é inversa: dominada pelas mulheres negras, a linguagem também se liberta em novas poéticas da Presença. A história de Emecheta cabe nesse lugar” (NUNES, 2020, p. 10).

Dentro da própria narrativa de *Cidadã de segunda classe*, temos passagens onde essa possibilidade de escrita é questionada e ironizada, inclusive sobre a impossibilidade de escrever em outra língua que não o inglês: “Não poderia escrever em nenhuma língua

africana, então teria de ser em inglês, embora essa não fosse sua língua materna. Sim, utilizaria a língua inglesa” (EMECHETA, 2018b, p. 241). Sim, a escritora/personagem sabia que escrever na língua do país colonizador, onde ela se encontra, é a possibilidade de se tornar escritora.

Assim, como tantos escritores de países colonizados, a opção é em grande parte escrever na língua oficial do colonizador, e dessa maneira ter maior possibilidade de que o texto ultrapassasse fronteiras, como bem pontuado por Chinua Achebe:

Achebe nos aponta que não houve a escolha entre a língua inglesa ou sua língua nativa, mas que entre uma ou outra ele sempre considerou ambas, o inglês e sua língua materna Igbo. Logo, o seu posicionamento diante do uso do inglês se refere ao fato de sua escrita ter a intenção de se envolver antes de tudo com a Nigéria e com a África, rompendo com as fronteiras linguísticas e, também, para que sua voz pudesse ser ouvida pelo restante do mundo. Ele pontua que, quando começou a escrever, viu que um de seus desafios seria achar uma linguagem que não existia naquele tempo: teria que encontrar um meio que conversasse entre o Igbo e o inglês. (MORTARI; GABILAN, 2017, p. 68)

Mesmo com a possibilidade da escrita em inglês, Adah, sabe o quão difícil será esse percurso, e seu marido, Francis, faz questão de que ela não esqueça disso: “Você sempre se esquece de que é mulher, e negra. O homem branco mal consegue nos tolerar, a nós, homens, isso para não falar em mulherzinhas desmioladas que nem você, que só pensam em amamentar os filhos” (EMECHETA, 2018b, p. 242). Mas Adah sabe que outras mulheres já abriram o caminho: “Bem, Flora Nwapa é negra e escreve, provocou Adah. Vi livros dela em todas as bibliotecas onde trabalhei” (EMECHETA, 2018b, p. 243). E a partir disso, se torna impossível para Adah não escrever.

Agora era impossível recuar. Conhecera o sentimento de acabar a história, provara da satisfação de ver outras pessoas lerem sua obra e sentira um resplendor interno indescritível ouvindo outras pessoas dizerem o quanto haviam gostado de ler o que ela escrevera. (EMECHETA, 2018b, p. 243)

Com isso, tivemos a possibilidade de estabelecer uma relação da escrita-presença de Buchi Emecheta com a *escrevivência* de Conceição Evaristo. A *escrevivência* busca no passado de tradições e costumes do povo negro as relações para construir as atuais vivências, como vemos nesse trecho de *Becos da memória* onde a personagem Maria-Nova lembra da festa do Congo e os preconceitos sofridos por essa tradição de seu povo:

Um ano, no aniversário da fundação da capela, um grupo de homens do congo de Sô Noronha foi convidar o padre da paróquia vizinha para celebrar uma missa na capela. O padre respondeu que a missa não podia ser realizada em lugares profanos. Os homens do congo não entenderam o que era profano. Maria-Nova, no dia da festa, rezou com mais fé ainda. Pensou consigo mesma: “o que sagrava a capela não era a água benta nem a bênção do padre que não viera, mas as lágrimas, as dores, o desespero, a esperança, a fé do povo que estava ali reunido.” (EVARISTO, 2017, pág. 175)

No romance *Cidadã de segunda classe* com a personagem Adah produzindo suas memórias e experiências em um território da diáspora, também fica evidente o preconceito que suas tradições e costumem sofrem, como no trecho abaixo:

Era esse o resultado da Nigéria ter sido governada durante tanto tempo pelos ingleses. A inteligência da pessoa era avaliada pela forma como ela falava inglês. Mas não importava nem um pouco se os ingleses eram ou não capazes de falar as línguas dos povos que governavam. (EMECHETA, 2018b, p. 78)

É nesse percurso da diáspora que Adah/Buchi se faz escritora, e por suas memórias e vivências, de menina que ouve atenta as histórias na Nigéria, que no Reino Unido ela busca as possibilidades da realização da escrita. Com todas as dores e abusos aos quais é confrontada durante toda a sua vida, seus romances são atravessados pela *escrevivência* da mulher nigeriana migrante no Reino Unido.

2.2 – Gênero, raça e classe: encontros cotidianos

Caminhar na direção em compreender a escrita de Conceição Evaristo e Buchi Emecheta, pelos romances *Becos da memória* e *Cidadã de segunda classe*, nos traz a buscar conceitos e definições que se apresentam de formas diferentes nos contextos aos quais as duas escritoras estão inseridas. Ambas nascidas na década de 1940, mas em países que, além de separados pelo Atlântico, possuem raízes diferentes ao que se refere a formação de um sujeito negro feminino.

São as especificidades das escritoras negras que as fazem ter uma escrita na qual as suas vivências, suas travessias e seus caminhos não podem ser ignorados ao analisarmos suas narrativas, suas escritas. São justamente as conceituações de gênero, raça e classe que nos dão o alicerce para a compreensão de suas obras. Importante ressaltar que, se buscamos o entendimento acerca da escrita de uma autora brasileira e

uma nigeriana, se faz essencial que esses conceitos sejam entendimentos na pluralidade e diferenças que cada um desses países – Brasil e Nigéria – possuem em toda a sua formação.

A socióloga nigeriana e ioruba Oyèrónké Oyěwùmí é hoje uma das importantes vozes africanas, fora do continente, a trazer reflexões acerca da conceituação da categoria de gênero ocidental dentro da realidade africana. Nessa parte da pesquisa, buscamos construir uma reflexão, a partir da nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí, e de outras autoras que nos trazem os conceitos de gênero e feminismo dentro de um contexto dos estudos decoloniais, pois somente a partir do feminismo decolonial será possível uma revisão epistemológica das teorias feministas eurocentradas, como aqui apontado:

O feminismo decolonial, privilegiando a contestação à colonialidade do saber, também aponta caminhos de avanço político agora na chave latino-americana. Propõe uma revisão epistemológica radical das teorias feministas eurocentradas, o que inclui o fim da divisão entre teoria e ativismo, característica de nossos feminismos desde sempre. Se nas décadas de 1960-1990 o feminismo branco norte-americano e europeu foi incorporado com facilidade no feminismo latino-americano e brasileiro, hoje essa aceitação acrítica traz problemas. A consciência da violência e opressão dos processos colonizadores faz surgir um campo de reflexão com o qual o feminismo posso dialogar. (HOLLANDA, 2020, p. 13-14)

Mas é por meio do feminismo negro que os conceitos de raça e classe são incluídos nos debates existentes, como bem pontua Heloisa Buarque de Hollanda (2020):

O feminismo negro foi o movimento que concretamente introduziu os constructos raça e classe no debate feminista ou o que Patricia Hill Collins chamou de matriz de dominação. No feminismo brasileiro, Luiza Bairros, Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro já vinham insistindo nessa matriz alegando que o feminismo negro é fruto da experiência de ser negro – vivida através de gênero – e de ser mulher – vivida através da raça –, dimensões que se imbricam e que rejeitam qualquer priorização. (HOLLANDA, 2020, p. 19)

No Brasil, somente na chamada segunda onda do feminismo, já na década de 1970, que o feminismo negro ganha força, tendo entre as pautas de luta a condição da mulher negra como sujeito político, conforme enfatiza Djamila Ribeiro:

A segunda onda teve início nos anos 1970, num momento de crise da democracia. Além de lutar pela valorização do trabalho da mulher, pelo direito ao prazer e contra a violência sexual, essa segunda geração

combateu a ditadura militar... No Brasil, o feminismo negro começou a ganhar força no fim da mesma década e no começo da seguinte, lutando para que as mulheres negras fossem sujeitos políticos. (RIBEIRO, 2018, p. 45)

Há uma grande problemática quando nos deparamos com a história contada por um único grupo, sob um único ponto de vista, como pontua Adichie (2019, p. 26), fazendo com que não exista pluralidade e diversidade nessa representação. Importante ressaltar o estereótipo que se estabelece na construção da figura da mulher negra durante os anos desde o período da escravidão. Angela Davis (2016) afirma que:

Desde o período da escravidão, a condição de vulnerabilidade das trabalhadoras domésticas tem sustentado muitos dos mitos duradouros sobre a “imoralidade” das mulheres negras. Nesse clássico “círculo vicioso”, o trabalho doméstico é considerado degradante porque tem sido realizado de modo desproporcional por mulheres negras que, por sua vez, são vistas como “ineptas” e ‘promíscuas’. Mas as aparentes inépcia e promiscuidade são mitos que se confirmam repetidamente pelo trabalho degradante que elas são obrigadas a fazer (DAVIS, 2016, p. 100).

Nesse processo de entendimento da construção da mulher negra, partimos do estudo do feminismo negro e da construção identitária desse grupo, fazendo uso de referências sobre o lugar da mulher negra na sociedade. Desta forma, pontuamos que o possuidor do privilégio social irá também possuir o privilégio epistêmico, e que sem acesso a determinados espaços não haverá produção desse grupo.

Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do feminist standpoint: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até que de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (RIBEIRO, 2018, p. 64)

Vários são os discursos que incluem a mulher negra, mas que não interpretam a realidade desse grupo. Na discussão acerca de racismo o sujeito negro é homem; nas discussões sobre feminismo o sujeito é a mulher branca e na discussão sobre classe o

conceito de raça não possui espaço (KILOMBA, 2019, p. 47), habitando assim, a mulher negra, um lugar vazio, ou no que alguns autores chamam de duplo fardo.

No ensaio *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, a teórica chicana Gloria Anzaldúa (2000, p. 229) afirma que “a mulher de cor iniciante é invisível no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista das mulheres brancas, apesar de que, neste último, isto esteja gradualmente mudando. A lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe” e ainda enfatiza sobre os estereótipos a respeito da mulher do chamado terceiro mundo.

Quando você vier bater em nossas portas e carimbar nossas faces com ESTÚPIDA, HISTÉRICA, PUTA PASSIVA, PERVERTIDA, quando você chegar com seus ferretes e marcar PROPRIEDADE PRIVADA em nossas nádegas, nós vomitaremos de volta na sua boca a culpa, a auto-recusa e o ódio racial que você nos fez engolir à força. Não seremos mais suporte para seus medos projetados. Estamos cansadas do papel de cordeiros sacrificiais e bodes expiatórios. (ANZALDÚA, 2000, p. 231)

No Brasil, são várias as situações sociais em que as mulheres negras se destacam e são por vezes ignoradas, exemplo no caso das tradições culturais e religiosas dos povos africanos trazidos para o Brasil: “Elas reorganizaram as tradições de seus grupos étnicos, adaptando-as às realidades da diáspora; elas mantiveram as bases dessas tradições que hoje constituem o conjunto de marcas identitárias de afro-brasileiros” (SOUZA, 2017, p. 288).

Ainda assim, a literatura muitas vezes insiste em mostrar a mulher negra na forma de figura subalternizada, estereotipada, sexualizada, na maioria das vezes colocada na posição de doméstica, faxineira, e outras atividades socialmente desprivilegiadas. Reforça, assim, a ideia que elas não caibam nos mais variados espaços de atuação da cultura e da sociedade, não mostrando uma pluralidade nas formas de representação dessas mulheres.

Conceição Evaristo entrelaça gênero, raça e memória em uma construção de espaço afetivo da mulher negra. Essa resistência da mulher negra sempre se faz muito presente na vida e nos textos dessas autoras, partindo sempre do lugar no qual cada uma se situa.

Nesse trecho de *Becos da memória*, a autora/narradora fala de forma afetiva de Vó Rita e sua esperança de vida:

Vó Rita... Tinha ainda muita esperança para si e para os outros. Não era preciso o desespero. A vida haveria de continuar em outro lugar, em outras pessoas. O seu corpo poderia até cair agora, mas outros e outros levantariam. Havia uma razão atrás de tudo. Ela não sabia bem qual seria, mas atrás alguma razão existia. Era preciso ir adiante. (EVARISTO, 2017, pág. 154)

A antropóloga Lélia Gonzalez pontua que esse lugar situado pela mulher negra será determinante para a interpretação da mesma sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo:

Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Consequentemente, o lugar de onde falaremos põe um outro, aquele que habitualmente vínhamos colocando em textos anteriores. E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar à questão da mulher negra numa outra perspectiva. (GONZALEZ, 2020, p. 76)

A teórica chicana Gloria Anzaldúa aponta para a necessidade de priorizar a escrita de mulheres do terceiro mundo como uma forma de significar a si mesmas. E assim, enfatiza o porquê ela escreve:

Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. (ANZALDÚA, 2000, p. 232)

Dessa forma, a escrita legitima as vozes dessas mulheres e as mostram vivas para escreverem suas próprias histórias, “porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher como poder é temida” (ANZALDÚA, 2000, p. 234). É esse poder que apresentamos quando falamos da legitimação dessa escrita.

Para a compreensão da escrita dessas mulheres, e aqui de forma mais específica a escrita de Buchi Emecheta, buscamos reflexões nos conceitos de gênero que são produzidos e estudados a partir da realidade africana e não na conceituação de gênero trazido pelo ocidente. A socióloga nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí é uma voz africana que

ecoa para além da África nos dias atuais. Ela traz a reflexão de que é importante “questionar o sistema de família nuclear, uma forma especificamente europeia e ainda assim ponto de partida para muitos dos conceitos que são usados universalmente na pesquisa de gênero” (OYĚWÙMÍ, 2020, p. 86), ressaltando uma pesquisa específica sobre a sociedade iorubá do sudoeste da Nigéria:

Apresento um tipo diferente de organização familiar – a família iorubá tradicional. Ela pode ser descrita como uma família não generificada porque seus papéis de parentesco e suas categorias não são diferenciados por gênero. Os centros de poder dentro da família são difusos e não especificados pelo gênero. O princípio organizador fundamental no seio dessa família é a ancianidade baseada na idade relativa, e não no gênero (OYĚWÙMÍ, 2020, p. 91).

Buchi Emecheta e sua personagem Adah são mulheres da etnia igbo. Mas essa pesquisa nos aponta um direcionamento diferente a feita no Ocidente, ao que se refere a conceituação de gênero. Aqui temos uma conceituação a partir da forma como gênero e abarcado na África. A escrita de Buchi Emecheta precisa aqui, ser pensada, em um contexto que parte dos estudos africanos, mesmo com todas as dificuldades e restrições que esses estudos apresentam:

Os Estudos Africanos modernos permaneceram dominados pelos modos ocidentais de apreender a realidade e a produção de conhecimento por várias razões. De uma abordagem materialista, o domínio ocidental sobre pessoas dedicadas à pesquisa é apenas um reflexo do domínio econômico e cultural global do Ocidente. Mas essa não é uma explicação adequada, porque há regiões não ocidentais no mundo além da África, onde estudos e preocupações de base autóctone se desenvolveram em um grau considerável. No caso da África, as explicações sobre essa dependência do Ocidente se concentraram na mentalidade colonial da intelectualidade africana, a política de financiamento da pesquisa e os interesses comuns classe ou posição privilegiada desta intelectualidade, onde quer que se encontrem. (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 55)

Uma parte dos pensamentos e estudos atuais sobre feminismo africano apontam que o conceito de gênero existente no feminismo hegemônico não contempla a realidade africana. Isso parte do pressuposto que conceitos ocidentais seriam transferidos para a análise de uma cultura diferente de onde foram gerados como categorias, afinal, embora “o feminismo seja um discurso universalizante, as preocupações e questões que o

informaram são ocidentais” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 43). Logo, novamente com a teórica Oyèrónké Oyěwùmí, temos que:

Nos discursos ocidentais, o gênero é concebido, antes de mais nada, como uma categoria biológica dicotômica que é então usada como base para a construção de hierarquias sociais. O corpo é usado como chave para situar as pessoas no sistema social ocidental, na medida em que a posse ou a ausência de certas partes do corpo inscreve diferentes privilégios e desvantagens sociais. O gênero masculino é o gênero privilegiado. Mas essas observações não são verdadeiras no quadro de referência iorubá. Assim, as construções de gênero não são em si mesmas biológicas – elas são culturalmente construídas, e sua manutenção é uma função dos sistemas culturais. Conseqüentemente, usar as teorias de gênero ocidentais para interpretar outras sociedades sem recorrer a suas próprias cosmopercepções impõe a elas um modelo ocidental. (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 130)

Em *Cidadã de segunda classe*, Adah deixa explícito o fato de não ter um lar para onde voltar, e isso faz com que case ainda jovem. E que se a sua gente não tivesse o comportamento de julgar seus atos unicamente por ser mulher, seu caminho poderia ter sido outro.

Quando falou em lar, Adah caiu no choro. Se pelo menos tivesse um lar, não teria se casado tão cedo. Se pelo menos Pa não tivesse morrido quando morreu. Se pelo menos sua gente em Lagos tivesse sido suficientemente civilizada para saber que uma garota que decide viver sozinha e estudar para ter um diploma não é necessariamente uma puta, se pelo menos... Seus pensamentos não paravam nunca. E agora aqui estava ela, num país estrangeiro, sem amigos, fora os filhos... (EMECHETA, 2018b, p. 175)

Ao pensarmos sobre essa conceituação de gênero de forma mais específica nas culturas em que as autoras aqui pesquisadas se inserem, traçamos um caminho para o encontro entre gênero, raça e classe e como essas formas de opressão não são contemplados em diversas teorias.

A escritora estadunidense, de origem caribenha, Audre Lorde (2019) nos fala sobre a importância de nomear corretamente cada uma dessas diferenças, de forma a compreender que todas elas existem: “Racismo, a crença na superioridade inata de uma raça sobre todas as outras e, assim, o direito à predominância. Sexismo, a crença na superioridade inata de um sexo sobre o outro e, assim, o direito à predominância” (LORDE, 2019, p. 240).

Para a escritora, todas essas diferenças, entre elas racismo e sexismo, precisam ser pensadas, pois assim se terá não só a leitura, mas também a compreensão da literatura produzida por mulheres negras, sendo as mesmas enxergadas sem estereótipos em que são colocadas. Audre Lorde enfatiza que:

As literaturas de todas as mulheres de cor recriam as texturas de nossa vida, e muitas mulheres brancas estão altamente comprometidas em ignorar as verdadeiras diferenças. Pois enquanto qualquer diferença entre nós significar que uma de nós tem de ser inferior, então o reconhecimento de qualquer diferença deve ser carregado de culpa. Permitir que mulheres de cor abandonem os estereótipos é algo que provoca muita culpa, pois ameaça a complacência daquelas mulheres que só veem a opressão em termos de gênero. (LORDE, 2019, p. 243)

Dessa forma, precisamos entender as relações de poder por meio da interseccionalidade entre gênero, raça e classe, e como essas categorias são a base da literatura negra, tanto no Brasil quanto na Nigéria. De formas diversas, pensadoras decoloniais apontam para diferentes possibilidades e estudos que vão em direção oposta ao que a epistemologia ocidental dita.

Para Carla Akotirene (2020), abordagens como as feitas por teóricas como Lélia Gonzales e Maria Lugones permitem uma crítica as teorias da civilização ocidental e assim “interseccionam as estruturas de raça, gênero, sexualidade, nação e classe, estabelecendo coro latino-americano contra o colonialismo, imperialismo e monopólio epistêmico ocidental” (AKOTIRENE, 2020, p. 33).

Todas essas categorias de opressão sofridas pela mulher negra são sentidas e vivenciadas em sua autoria. Lorde (2019) pontua sobre essa dor na literatura:

A literatura de mulheres negras está cheia da dor de agressões constantes, não só por parte de um patriarcado racista, mas também de homens negros. No entanto, a necessidade e a história de uma guerra comum fizeram de nós, mulheres negras, particularmente vulneráveis à falsa acusação de que antissexista é o mesmo que antinegro. (LORDE, 2019, p. 245)

A literatura feminina negra, seja aqui ou do outro lado do Atlântico, e aqui falamos de literatura nigeriana, é desde a sua construção e primeiros passos, permeadas por todas as dores que são direcionadas às mulheres negras. O patriarcado, o racismo, a diferença de classes, mesmo que tenham acontecido de formas distintas nos dois países, abrem feridas que não são curadas.

Em personagens femininas, como Vó Rita, de *Becos da memória*, fica a demonstração de como, apesar das feridas não curadas, existe as mais belas formas de se falar delas: “Era bonita Vó Rita! Tinha voz de trovão. Era como uma tempestade suave. Vó Rita tinha rios de amor, chuvas e ventos de bondade dentro do peito” (EVARISTO, 2017, p. 27). Mas, por meio da escrita, muitas dessas autoras, conseguem uma libertação de várias dessas amarras. Conseguem contar ao mundo como as suas histórias – e de tantas outras mulheres negras – são similares ao que se referem a essas dores, seja aqui ou do lado de lá.

3 EU CONTAREI A MINHA HISTÓRIA: MEMÓRIAS NA CONSTRUÇÃO DAS ESCRITAS DE SI

*Presta atenção
Agora é a sua vez de me ouvir
Se não aguenta ouvir, pode sair...
Minha história, eu mesma que escrevi
(NEGRA LI, 2021, Comando)*

Aos nos depararmos com as reconstruções das lembranças de mulheres negras e a forma na qual a oralidade se faz presente na construção das narrativas de Conceição Evaristo e Buchi Emecheta, recorreremos aos estudos sobre memória e história oral (BOSI, 1994, 2003) buscando a compreensão dos percursos da literatura de autoria feminina negra.

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mestiço que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. O autor tem que se assumir enquanto negro. Pensando a partir dessa perspectiva, entendemos que o texto de autoria negra será atravessado pelas marcas do sujeito que a constrói.

O impulso autobiográfico marca as páginas de inúmeros autores do passado e do presente, a entrelaçar a ficção e a poesia com o testemunho. Para Bakhtin (1998, p. 417) “o campo de representação do mundo modifica-se segundo os gêneros e as épocas de desenvolvimento da literatura. Ele é organizado de maneiras diferentes e limitado de vários modos no espaço e no tempo. Este campo é sempre específico”.

Nesse sentido, pensando o autor em contato com o mundo representado, na literatura negro-brasileira é possibilitado traçar uma linha da autoria feminina negra que vem, de Maria Firmina dos Reis e Ruth Guimarães, indo a Carolina Maria de Jesus e Geni Guimarães, entre outras. No momento, quem mais explicita o veio documental de sua obra é Conceição Evaristo, que reivindica para seus textos o conceito de *escrevivência* (DALCASTAGNÈ; EBLE, 2017, p. 206).

Em *Becos da memória*, a narradora Maria-Nova enfatiza o querer contar as histórias ouvidas pela autora-personagem: “Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito”

(EVARISTO, 2017, p. 37). É isso que ela faz, ao crescer, e juntar as suas lembranças, ela conta as histórias que ouviu quando menina. Aqui, fazemos uso dos apontamentos de Ecléa Bosi sobre memória e socialização da criança:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. (BOSI, 1994, p. 73)

É por meio das histórias contadas e revividas pelos mais velhos, quase sempre por Tio Totó, Maria-Velha e Bondade, que a menina Maria-Nova tem acesso a muitas informações sobre outros tempos. A menina ouviu sobre lutas, perdas e sofrimentos, desde o tempo da escravização. Nesse sentido, Bosi (1994) nos aponta sobre o reviver a história por meio dos mais velhos:

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente. (BOSI, 1994, p. 74)

A memória de Maria-Nova leva à construção do romance por meio da sua narração, naquilo que Ecléa Bosi chama de forma artesanal de comunicação, onde o mais relevante não é a transmissão do fato em si ocorrido, mas a forma com que é tecido, investindo sobre esse objeto e o transformando (BOSI, 1994, p. 88). Aqui, podemos trazer a fala de Conceição Evaristo, quando em diversas situações, ao ser questionada sobre a veracidade do que está na obra, a resposta é que não há intenção de deixar definido o que é verdade e o que é ficção e que onde a memória falha, ela inventa. Logo, *Becos da memória* é um romance de memórias ficcionais.

Na literatura nigeriana, a literatura pós-colonial se constrói em forma de um marco de resistência e oposição à literatura colonizada e servil que até então existia, sendo um modelo de imitação da literatura europeia.

Para Silviano Santiago (1978 apud NITRINI, 2010, p. 218), os países colonizados foram vítimas de um processo de “ocidentalização”, e “por meio da violência e de uma

ideologia de superioridade, fomos levados a crer na supremacia do dominador. Isso talvez explique o fato de que o ponto central de nossa cultura tenha sido sempre a busca da semelhança com o modelo” (NITRINI, 2010, p. 219).

Buchi Emecheta sabe que um dia contará a sua história. Em *Cidadã de segunda classe* a personagem Adah teve sua história contada desde a infância até o momento que se vê divorciada e responsável por cinco crianças em um país que não é o seu. Assim, a personagem sabe que terá que cuidar sozinha de seus filhos e entre essas dificuldades, ainda tentar ser uma escritora: “Não se preocupe, senhor. Os filhos são meus e isso basta. Enquanto eu viver, eles podem contar comigo”. (EMECHETA, 2018b, p. 251). Na obra, explicitamente autobiográfica, existe um resgate da memória da autora/personagem ao contar em detalhes minuciosas sobre sua infância, além dos costumes e tradições daquela Nigéria.

Nas narrativas dessas autoras, as experiências individuais dessas mulheres as consideram protagonistas do cotidiano a partir do conceito de História Oral definido por Paul Thompson: “É uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo” (THOMPSON, 1992, p. 40).

São essas pessoas, de dentro da própria história, que constroem a narrativa das duas obras. Um exemplo é Maria-Nova em *Becos da memória*:

Olhou novamente Negro Alírio. Quis falar com ele sobre o que ela já tinha decidido. Calou, sabendo, entretanto, que iria adiante como ele. Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo. (EVARISTO, 2017, p. 177)

Para Bakhtin (1998, p. 410), “representar e imortalizar pelo discurso literário só é possível e viável para aquilo que é digno de ser comemorado e mantido na memória dos descendentes”. A partir dos caminhos percorridos por Conceição Evaristo em *Becos da memória* e por Buchi Emecheta em *Cidadã de segunda classe*, na construção dessas narrativas que apresentam a memória como o fio condutor dos romances, trazemos as várias vozes desses textos que apresentam a polifonia no entrecruzar de memória e escrita

de si. Além de, por meio dos conceitos e referências sobre memória, pensarmos a forma na qual as personagens Maria-Nova e Adah traçam seu caminhar memorialístico.

3.1 As várias vozes dessas narrativas: encontro de memória e a escrita de si

Becos da memória de Conceição Evaristo é um romance de memórias ficcionais em situações vividas, ou não, pela autora. É um texto onde ocorre a celebração da vida dos favelados, com um protagonismo para as mulheres lavadeiras. O texto é narrado por meio de pequenos relatos, com a construção de muitas personagens e de muitos acontecimentos na favela. A narração é feita no passado, com a mesma oscilando entre primeira e terceira pessoas.

A narradora menina cresce, e quando ela, Maria-Nova assume a voz do texto, narra de dentro o processo de desfavelamento pelo qual ela e todos daquela favela passam, como nesse trecho:

Para muitos, para todos, talvez, o inimigo era aquele que estivesse mais próximo. O ódio, a amargura, o desamparo que existia em todos tinham como válvula de escape o próprio irmão. Não reconhecíamos que estávamos no mesmo barco, no mesmo oceano de miséria. Ali não havia comandante, o barco e todos nós estávamos à deriva. (EVARISTO, 2017, pág. 152)

Cidadã de segunda classe é um romance nigeriano narrado em terceira pessoa, também no passado e que se apresenta com muitos traços memorialísticos da vida da autora. Adah, a personagem principal, é apresentada ainda na infância e o romance a acompanha até a vida adulta.

Os dois romances, *Becos da memória* e *Cidadã de segunda classe*, nos permitem leituras diversas, já que ao leitor o tempo de leitura é outro. Umberto Eco (1994) ressalta que:

Na ficção escrita, com certeza é difícil estabelecer o tempo do discurso e o tempo da leitura; entretanto, não há dúvida de que às vezes uma grande quantidade de descrição, uma abundância em detalhes mínimos podem ser não tanto um artifício de representação quanto uma estratégia para diminuir a velocidade do tempo de leitura até o leitor entrar no ritmo que o autor julga necessário para a fruição do texto. (ECO, 1994, p. 65)

Becos da memória apresenta um detalhamento sobre a favela, sobre seus becos e seus barracos e ainda sobre as muitas personagens, como explicitado no romance: “aqui é grande como uma cidade. Há tanto barraco para entrar, tanta gente para se gostar” (EVARISTO, 2017, pág. 24), e a autora traz todas essas personagens entrelaçadas em pequenas histórias do cotidiano.

A narrativa de *Becos da memória* tem seus primeiros passos em *Samba-favela*, um pequeno texto escrito pela autora em 1968, ainda nos tempos de ensino ginásial, podendo ele ser considerado a origem do romance, já que a “espécie de crônica” retrata uma favela. Na base da narrativa do romance estão as vivências e escutas da narradora Maria-Nova, ou da menina Conceição, em uma favela que ao leitor não fica claro se existiu ou não.

Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinha nenhuma condição de vida. A professora pediu que ela explicasse melhor, que contasse em mais detalhes. ... Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço. ... Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. (EVARISTO, 2017, p. 150-151)

São pequenos relatos, de passagens das vidas das muitas personagens, mulheres, homens e crianças da favela. Apesar da diversidade dos que têm suas histórias contadas, são as mulheres lavadeiras que ocupam a posição central na narrativa. A relação senzala-favela se faz presente por meio da memória dos mais velhos e seus relatos, e também por intermédio dos becos e condições de vida dos moradores.

Maria-Nova sabia que a favela não era o paraíso. Sabia que ali estava mais para o inferno. Entretanto, não sabia bem por quê, mas pedia muito à Nossa Senhora que não permitisse que eles acabassem com a favela, que melhorasse a vida de todos e que deixasse todos por ali. Maria-Nova sentia uma grande angústia. Naquele momento, sua voz tremia, tinha vontade de chorar. (EVARISTO, 2017, p. 45-46)

Essa menina, Maria-Nova, ouve as histórias da favela, atravessada por dor, angústia, violência e acompanha, junto aos demais moradores, o processo de

desfavelamento. Não se sabe o que é memória e o que é criação, e a autora não tem intenção de esclarecer a respeito:

Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência*. (EVARISTO, 2017, p. 11)

Alba Zaluar e Marcos Alvito (2006, p. 7) ressaltaram que “falar de favela é falar da história do Brasil desde a virada do século imperial”, visto que as favelas surgem em decorrência de tentativas de embranquecimento das grandes cidades, com a intenção de transformá-las em cidades europeias. Para os autores, a favela é desde a sua origem marcada pela precariedade e por ausência de direitos humanos para aqueles que para esses locais se mudam.

A derrubada dos cortiços efetuada no Rio de Janeiro, no início do século XX, remove a população pobre, predominantemente composta por descendentes de escravos, para os morros das imediações e, assim, a favela fica marcada como o espaço de habitação irregular, sem arruamento, sem esgoto. Dessa precariedade, proveniente da pobreza de seus moradores e do descaso do poder público, surgem as imagens que fazem deste espaço o lugar da carência, da falta, do perigo “que fizeram do favelado um bode expiatório dos problemas da cidade” (ZALUAR; ALVITO, 2006, p. 7).

Os cortiços são derrubados na virada do século XIX e ocorre de forma a higienizar a cidade. Naqueles espaços vivem os excluídos, inclusive pessoas que viveram em situações de escravizados e seus descendentes. Para além disto, em “1897, foi justamente naqueles locais que se foram estabelecer, com a devida autorização dos chefes militares, os soldados egressos da campanha de Canudos. O lugar passou então a ser chamado de morro da favela” (CHALHOUB, 1996, p. 16).

As pessoas que se instalam nos morros haviam ido ao Rio de Janeiro a fim de reivindicar promessas feitas pelo governo aos soldados que lutaram contra os sertanejos liderados por Antônio Conselheiro nos anos de 1896 à 1897. Entretanto, não têm suas demandas resolvidas, e não possuem meios financeiros para retornar às suas cidades, assim, vão ocupando os morros e estabelecendo moradia. Instalam-se no morro da

Providência em alguns barracos. Remetendo a árvore típica do sertão nordestino, que cresce em morros, ocupando os morros da região de Canudos, favela é o nome dado a esses morros ocupados por moradias.

Se para a leitura de *Becos da memória* trazemos elementos referentes ao processo de favelamento existente no Brasil, para a leitura de *Cidadã de segunda classe* é importante o entendimento do processo de independência pelo qual a Nigéria passou para deixar de ser colônia inglesa. Todo o conceito enraizado de que somente indo ao Reino Unido o cidadão nigeriano seria finalmente reconhecido em seu país, é perceptível na escrita de Buchi Emecheta, especialmente porque ela se constrói como uma autora migrante, onde até mesmo o idioma a ser dominado na escrita, tem que ser o de fora.

Conceição Evaristo narra o processo de desfavelamento em seu romance *Becos da memória*. Mesmo que ele não seja apresentado em forma autobiográfica, os elementos autobiográficos estão fortemente presentes, diminuindo a distância entre narrador e personagem, fazendo dele um relato “realista” e memorialista.

O romance memorialista descreve a desocupação de uma favela, a história de seus moradores, seus conflitos, suas dores e seus amores. Em um trecho do romance, pela fala de tio Totó, mostra-se o apego ao lugar em que se está há tantos anos, independente das condições de vida que estão submetidos:

Tio Totó não se conformava com o acontecido. Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? Se a gente sai por aí, por este mundo de déu em déu e não volta, o que vale o respeito, a fé toda quando se está distante, no que para trás ficou? Para que a crença na volta ao lugar onde se enterra o umbigo? Verdade fosse!... Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada... Eu, vivido, já velho, estou aqui. Meu corpo pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança. (EVARISTO, 2017, pág. 18)

Não há a certeza de qual favela é essa, ou mesmo a certeza se ela existe. É o que a autora chama de *escrevivência* (escrita + vivência). Um texto carregado de brutalidade poética, tendo uma subjetividade em toda a sua escrita, mostrando a intersecção entre gênero, raça e classe.

No título do romance de Conceição Evaristo há uma dualidade: beco é compreendido como menção ao espaço/lugar e como suporte memorial, ou seja, os lugares que guardam memórias que guardam vivências e referências. Ao propormos a relação entre espaço e memória,

problematizamos a simbologia que emana da favela, no que se refere às lembranças que se presentificam no espaço. A narradora de *Becos da memória* reatualiza as recordações das correntes da escravidão e da diáspora, deixando evidente a aproximação da favela com a senzala. Os personagens que habitam a favela são afro-brasileiros, alguns remanescentes do período escravocrata, excluídos e renegados ao espaço suburbano. (FROZ; SANTOS, 2018, p. 34).

Se a relação senzala-favela aparece também nos relatos das personagens mais velhas por meio de suas lembranças, que se faz presente nos becos da favela, a menina Maria-Nova quer falar sobre isso para todos:

Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar, como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora... Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela! (EVARISTO, 2017, pág. 73)

Mas se por um lado, *Becos da memória* é uma narrativa cercada por sofrimento e dor, as personagens são possuidoras de muito afeto, quase numa construção de “becos de afetos”. Então, apesar de toda miséria em que vivem, há as boas relações, mas que são atravessadas de forma forte pelo desfavelamento que dali retira todos os moradores, como lemos nesse trecho:

Sabia, por sua própria vivência, que na favela se concentravam a pobreza e mesmo a miséria. Percebia a estreita relação de sentido entre a favela e a senzala, mas mais se entristecia ao perceber que nos últimos tempos ali se vivia de pouco amor e muito ódio. Um ódio que passara a existir entre pessoas que até então se gostavam tanto e que era um sentimento dirigido à pessoa errada. (EVARISTO, 2017, p. 137)

Não existe apologia à pobreza em sua escrita, o que acontece é a construção da favela na forma de um espaço afetivo, acolhedor, uma geografia afetiva, que é própria de quem está de dentro e não do olhar de quem está de fora.

Havia as misérias e as grandezas. Havia o amigo e o inimigo, o leal e o traiçoeiro. Havia muito de amor e de ódio. Havia muito de riqueza na pobreza, na miséria de cada um. E havia também a miséria que transcende a própria miséria, a miséria do egoísmo, da inveja, do ódio, do desejo assassino de liquidar, de acabar com o irmão. (EVARISTO, 2017, p. 77)

No entanto, grande parte do protagonismo ocorre por meio das personagens femininas. A menina, a mãe e tias lavadeiras, as mulheres, os corpos, as dores, a morte: “Maria-Nova ficou deprimida com a morte de Filó Gazogênia. A menina já era dada à tristeza, já tinha no sangue o banzo, já guardava no peito saudades de uma vida longínqua, não vivida. (EVARISTO, 2017, p. 115). A morte, é por sinal, uma recorrente na narrativa. O encerramento do ciclo da vida de personagens não é um ponto final, mas uma fusão de vida e morte, uma história que tem continuidade nos que ficam do lado de cá:

Bondade, no último gesto do ritual, baixou lentamente a cabeça de Filó Gazogênia. O silêncio estava em tudo e em todos. Os vizinhos mais próximos, vendo a janela e a porta tão escancaradamente abertas, chegavam. Filó Gazogênia não percebia mais nada. Atravessa a última porta. O rosto suavizou apesar da dor. Nos lábios, talvez um ligeiro sorriso. (EVARISTO, 2017, p. 109)

Em outro trecho, a menina acompanha o encerramento da vida de Tio Totó, o tio querido e que compartilha tantas histórias com ela:

Tio Totó tinha o corpo trêmulo e olhar vazio. A menina aproximou-se dele, levantou-o com cuidado e, ao sustê-lo, teve então a nítida impressão de não estar segurando um corpo, e sim de estar segurando nada. Buscou aflita as feições do velho e viu. Ela viu de perto no rosto, nos olhos, no jeito dele. Ela viu, ela sentiu a despedida. Maria-Nova sufocou o grito. Não um grito de medo ou de susto. Sufocou o grito que vinha dela, que vinha dele. Era a morte, era a vida. Era Tio Totó sendo levado de roldão. Desta vez era Totó que ficara do lado de lá, era ele que não conseguira fazer a travessia, que não conseguira alcançar a outra banda do rio. (EVARISTO, 2017, p. 176)

Maria-Nova, a menina narradora, ouve tudo com muita atenção para um dia poder contar aquelas histórias.

As tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto caiado de branco, Maria-Nova contemplava o pôr do sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contas as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e histórias que ouvia... Histórias boas, alegres e tristes eram as de Tio Totó e da tia, Maria-Velha. Aquelas histórias ela colecionava na cabeça e no fundo do coração, aquelas ali haveria de repetir ainda. (EVARISTO, 2017, p. 31)

A menina narradora não só conta as histórias, como humaniza cada uma das personagens que moram na favela. Os mais velhos participam, inclusive, da construção da narrativa. O texto é permeado de dores, alegrias, angústias, fazendo com que o leitor crie afetos por suas histórias, narração essa atravessada pela subjetividade de uma mulher negra na sociedade brasileira e que foge dos estereótipos tantas vezes cabidos aos negros na literatura nacional.

Não sabia bem por quê, mas todas as histórias lhe vieram à mente: as que Maria-Velha contava, as do Tio Totó, as de guerra de Tio Tatão, as do Bondade, as silenciosas que ela aprendera a ler nos olhos tristes de Mãe Joana, as que ela testemunhava no dia a dia da favela. Teve a impressão de que tudo e todos caberiam no coração de Vó Rita e não no coração dela. E não era por ela ser uma menina! Não era por isso não! Era porque no coração de Vó Rita tinha espaço para tudo e para todos (EVARISTO, 2017, p. 69)

A menina narradora de *Becos da memória* traz as dores no peito: “Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma” (EVARISTO, 2017, p. 63).

Já a menina narradora de *Cidadã de segunda classe* conta histórias de uma forma diferente. As suas próprias histórias são a base do romance, apesar de atravessado por outras personagens. O seu não lugar se apresenta como um forte alicerce na construção da narrativa: “Estava em busca de um lar. Desde a morte de Pa, tantos anos atrás, nunca tivera um lar, fora procurá-lo no lugar errado e entre as pessoas erradas” (EMECHETA, 2018b, p. 176).

Becos da memória, já dito por Conceição Evaristo, foi um livro de escrita rápida, muito rápida, porém quase vinte anos separam sua escrita e sua primeira publicação. São ficções memorialistas que compõem essa narrativa, mas é a vida da autora negra que permeia e atravessa de forma subjetiva todo o texto, com sua escrita forte e brutalmente poética.

Era preciso viver. “Viver do viver”. A vida não podia se gastar em miséria e na miséria. Pensou, buscou lá dentro de si o que poderia fazer. Seu coração arfava mais e mais, comprimido lá dentro do peito. O pensamento veio rápido e claro como um raio. Um dia ela iria tudo escrever. (EVARISTO, 2017, p. 160)

Assim também é a vida da mulher e autora. Ativista, militante, intelectual, hoje aos setenta e cinco anos entrelaça suas vivências com o seu caminho de sua escrita. Conceição Evaristo é uma mulher negra em constante produção, que traz em suas narrativas um outro lugar para o negro na literatura brasileira.

O universo de vidas sofridas apresenta em *Becos da memória* um realismo poético, no qual nos apresenta personagens negros sem estereótipos, falados e vistos por eles mesmo, de forma real, humana, mas sem constrangimento ou sutileza alguma em falar de dor, essa que ela sempre viu de perto na favela. “O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito” (EVARISTO, 2017, p. 63). É a sua *escrevivência* presente por toda a sua construção de narrativa.

A voz de Conceição Evaristo, ainda menina, se encontra diversas vezes com a voz da sua personagem Maria-Nova, em um encontro em que a vida da autora e a construção da narrativa muitas vezes se fundem. Buchi Emecheta também faz esse encontro de vozes com sua personagem Adah. É nessa pluralidade de vozes entre a memória, a escrita de si e construção dessas narrativas que acontece o encontro de muitas vontades. Bakhtin enfatiza acerca de polifonia:

A essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes, aqui, permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à da homofonia. E se falarmos de vontade individual, então é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade. Poder-se-ia dizer assim: a vontade artística da polifonia é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento. (BAKHTIN, 2010, p. 22)

As narrativas de Buchi Emecheta traduzidas no Brasil – *As alegrias da maternidade*, *Cidadã de segunda classe*, *No fundo do poço* e *Preço de noiva* – são centradas em personagens femininas, com fortes imposições da cultura nigeriana, contendo muitas referências autobiográficas. Isso nos mostra a dificuldade da autora/personagem em encontrar o seu lugar entre às tradições nigerianas e a dita modernidade apresentada pelo colonialismo inglês, já que as “obras literárias sobre as diásporas contemporâneas colocam em relevo o significado especial, complexo (e eu acrescentaria visceral) do termo lar/pátria pra migrantes e seus descendentes” (HARRIS, 2018, p. 9).

Em *Cidadã de segunda classe* (1974), a personagem Adah está em sua infância na cidade nigeriana de Ibuza. A tradição igbo se faz fortemente presente em sua vida e na vida de sua família. O romance passa por sua dura e pobre infância, pela juventude, casamento, ascensão financeira, trabalho, primeiros filhos e mudança para Londres, na realização do que é seu sonho de vida. Presa às tradições nigerianas, e buscando a modernidade ditada pelo colonialismo inglês, já em sua chegada ao reino Unido o marido apresenta o que seria sua vida de migrante:

Você deve saber, querida jovem *lady*, que em Lagos você pode ser um milhão de vezes agente de publicidade para os americanos; pode estar ganhando um milhão de libras por dia; pode ter centenas de empregadas; pode estar vivendo como uma pessoa da elite, mas no dia em que chega à Inglaterra vira cidadão de segunda classe. De modo que você não pode discriminar seu próprio povo, porque todos nós somos de segunda classe. (EMECHETA, 2018b, p. 58)

Para a personagem, quando está ainda na Nigéria, é importante questionar às tradições nas quais o país é alicerçado, mas ao chegar na Inglaterra, também se faz importante deixar evidente o orgulho que sentia por fazer parte de uma nação independente. Mostra isso, inclusive, enquanto está no hospital se recuperando de mais um pós-parto:

Pedira a Francis que levasse para ela a lappa estampada com as palavras “Independência da Nigéria, 1960”. Mostraria às pessoas que vinha da Nigéria e que a Nigéria era uma república independente. Não que as outras mulheres não soubessem, mas Adah pensou que gostaria que elas nunca se esquecessem disso, que ela vinha da Nigéria e que a Nigéria era independente. (EMECHETA, 2018b, p. 178)

Adah caminha entre às tradições nigerianas e a dita modernidade inglesa, mas não se encontra em nenhum dos dois espaços. Se por um lado, a tradição nigeriana a faz questionar sobre o papel destinado à mulher, em especial a questões referentes a maternidade, tradições e costumes, o lado da dita modernidade, que está no Reino Unido, o país colonizador, não lhe permite que ali ela acesse seu espaço de forma menos dolorosa.

3.2 *Becos da memória e Cidadã de segunda classe: o caminhar memorialístico de Maria-Nova e Adah*

Maria-Nova ouve muitas histórias a partir da personagem Bondade e de outras personagens mais velhas. Bondade não tem sua própria história, sua vida não é contada na narrativa. A menina de 13 anos, narradora do romance, se constrói na forma de ajuda na aproximação da memória da autora-menina e as histórias inventadas. A menina já adulta constrói essa narrativa coletiva a partir de suas observações em um viés memorialístico. “Fatos estavam acontecendo, muitas coisas ela percebia, mas só conseguia um melhor entendimento, por meio das narrações que ouvia. Ela precisava ouvir o outro para entender” (EVARISTO, 2017, p. 53).

As vivências de sua família são de extrema relevância nesse entrelaçar de histórias e reconstrução de uma memória coletiva. Tendo mãe e tias lavadeiras, Conceição desde menina gosta de ouvir histórias dos moradores da favela Pindura Saia, e são essas as histórias que se tornam o alicerce de suas narrativas e da construção de suas personagens. Negras, negros, mulheres sem maridos, empregadas domésticas, a mãe preta, alcoólatras, mucamas, desempregados, crianças, que por meio da fome, miséria, preconceito, têm suas vidas (re)contadas ou inventadas pela autora, vidas essas que atravessam toda a sua vivência.

Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais. Lembro-me de nossos serões de leitura. Minha mãe ou minha tia a folhear conosco o material impresso e a traduzir as mensagens. E eu, na medida em que crescia e ganhava a competência da leitura, invertia os papéis, passei a ler para todos. Ali pelos meus onze anos, ganhei uma biblioteca inteira, a pública, quando uma das minhas tias se tornou servente daquela casa-tesouro, na Praça da Liberdade. Fiz dali a minha morada, o lugar onde eu buscava respostas para tudo. Escrevíamos também, bilhetes, anotações familiares, orações... (EVARISTO, 2009)

Ecléa Bosi (2003, p. 15) aponta que “a memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano”. A memória, quando em pessoas mais velhas, pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e

que existe a transmissão de valores, de conteúdo, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza (BOSI, 2003, p. 15).

Importante pensar que os lapsos da memória individual podem ser considerados menos graves frente aos lapsos da história oficial, pois o “nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (BOSI, 1994, p. 37). A memória oral possui também seus desvios, seus preconceitos e a sua inautenticidade e caberá a nós interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento, afinal o esquecimento e as omissões também poder ser considerados exemplos significativos de como ocorreu o fato histórico no cotidiano das pessoas (BOSI, 2003, p. 18). Dessa forma, indivíduos que por diversas vezes são deixados à margem da memória histórica, aparecem na forma de sujeitos principais dessas construções, já que são eles quem recordam.

Esse não protagonismo do indivíduo comum é recorrente nas histórias oficiais de diversas cidades brasileiras. Na história divulgada na grande mídia, muitos momentos da história chegam a passar despercebidos por uma grande parte da população:

Um aspecto importante da história feita pelo povo é o que as pessoas comuns lembram-se dos grandes fatos, em contraste com o que seus superiores acham que devem lembrar, ou o que historiadores podem provar que aconteceu e, na medida em que transformam memória em mito, como estão estes formados. (HOBSBAWN, 1990, p. 23)

O movimento de resistência, a história não oficial, encontra na oralidade uma forma de se fazer presente nessa preservação da memória, mantendo vivo o movimento de cultura popular oriunda da raça negra, por meio da culinária, artes, danças, religiosidades, entre outros.

Recorremos aqui ao conceito de cultura popular que não se refere a uma cultura dominada, mas em uma forma que seja possível a abordagem “como manifestação diferenciada que se realiza no interior de uma sociedade que é a mesma para todos, mas dotada de sentidos e finalidades diferentes para cada uma das classes sociais” (CHAUÍ, 1986. p. 24).

Desta forma trazer o testemunho vivo da história recente é poder reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma determinada época, desde que o pesquisador esteja atento aos subentendidos, aquilo que só foi sugerido (BOSI, 2003, p. 32). Pensar a

memória dentro do contexto da escrita do romance brasileiro e nigeriano, nos remete ao entendimento de que essa memória é formada a partir das experiências pessoais, mas levando em consideração as histórias compartilhadas e partilhadas pelas comunidades e forma como foram transmitidas.

Em *Cidadã de segunda classe* existe a memória diaspórica, do sujeito que possui as raízes situadas em lugar específico, mas que ao revivê-las na escrita, amplia esse local. Assim, quando a escritora Buchi Emecheta, da mesma forma que a personagem Adah, sai da Nigéria para morar na Inglaterra, se torna sujeito da diáspora e sua memória será construída a partir desse deslocamento, como pontou Roland Walter:

Ela tece fios de continuidade performativa dos quais muitos não têm conexão com a terra natal. Desta forma, a memória transcende a lógica da dispersão e volta terrestre e emerge como fonte da identidade diaspórica: a memória mais do que o território é a base da formação identitária em culturas diaspóricas como a dos afrodescendentes (WALTER, 2011, p. 18).

Dessa forma, se para o entendimento da construção da escrita de Conceição Evaristo, em *Becos da memória* é de fundamental importância o entendimento de como a memória se torna o alicerce para a construção da narrativa, em *Cidadã de segunda classe*, a busca do entendimento da diáspora memorialística será uma base mais pontual.

Porém, nas duas narrativas aqui analisadas, os traumas dos povos negros são explicitados por meio da memória em toda a construção do texto, como ressaltado por Walter: “O apagamento do ancestral mediante o genocídio, o assassinato, a escravidão e a distorção da memória cultural é precisamente o trauma que precisa ser atravessado/trabalhado, ou melhor, perlaborado para uma reconstrução da episteme cultural” (WALTER, 2011, p. 20).

Por todas essas situações vividas e a partir de histórias ouvidas, os dois romances se constroem com base em uma memória coletiva, como salienta Ecléa Bosi:

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. (BOSI, 1994, p. 409)

Dessa forma, *Becos da memória* e *Cidadã de segunda classe* apresentam narrativas que possuem um caminhar memorialístico, tanto ao que se refere a uma

memória coletiva, quanto ao ouvir e contar histórias, já que oralidade sempre foi algo presente na vida das mulheres negras, inclusive enquanto conta histórias para os da casa-grande.

4 PASSOS FINAIS OU O COMEÇO DE UMA JORNADA

Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte
 (LUEDJI LUNA, *Um corpo no mundo*, 2020)

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. É a partir da célebre frase da filósofa estadunidense Angela Davis, que nossa pesquisa tem seus primeiros encaminhamentos. Pensando a mulher negra como base estrutural da sociedade, partimos para a literatura com o intuito de compreensão do nosso papel também ao que se refere a escrita de romances.

Para tal pesquisa, temos como objetos de estudo os romances *Becos da memória*, da escritora brasileira Conceição Evaristo e *Cidadã de segunda classe*, da escritora Buchi Emecheta. As duas obras possuem narrativas memorialíticas, com elementos autobiográficos ficcionalizados. Logo, desde o princípio, entendemos que é importante a compreensão da própria autoria feminina em sua construção, para só assim chegarmos à escrita dessas duas autoras.

Na primeira etapa da pesquisa, a concentração dos estudos se dá em torno da genealogia de escrita de mulheres negras no Brasil e na Nigéria. São distintas as formas como essas construções acontecem, apesar das dores e traumas dos dois povos. As especificidades de cada país são trazidas para a compreensão da história e da existência de cada autora como sujeito. Escravidão, tráfico negreiro, diáspora, processo de independência, guerra civil, desfavelamento, entre outras questões referentes ao povo negro, são trazidas para a pesquisa a fim de alicerçar o texto.

Para o caminhar da pesquisa, conceitos e processos históricos que constroem as mulheres negras enquanto sujeitos, são as bases de nossos estudos. A partir do conceito de *escrevivência*, cunhado pela escritora Conceição Evaristo, para explicar seu processo criativo, analisamos que as questões subjetivas que atravessam a vida dessas mulheres são fundamentais no processo de escrita das mesmas. Gênero, raça e classe e sua interseccionalidade são conceitos essenciais para que uma compreensão da construção dessas narrativas seja possível. Importante ressaltar que essa pesquisa parte de estudos

decoloniais e autores que apontam para uma direção que não seja o eurocentrismo científico, sendo uma oportunidade de questionamento da forma como as análises sobre os países colonizados são realizadas. O feminismo negro também é de essencial compreensão para o discernimento de que as mulheres negras têm uma outra participação dentro do movimento, já que em muitos aspectos, não são contempladas pelo feminismo.

A pesquisa em sua parte final é centrada nos romances *Becos da memória* e *Cidadã de segunda classe*, com estudos sobre escrita de si e memória na construção da escrita dessas narrativas. A partir da centralidade em personagens femininas, as obras são permeadas por atravessamentos que nos conduzem a histórias de mulheres negras e uma sociedade que nunca está ao seu lado, porém, o que não tira o afeto e força dessas personagens. O romance *Becos da memória* tem seu encerramento centrado na figura feminina de Vó Rita, numa perspectiva onde a humanidade inteira nasce do coração de uma mulher negra.

Dormiu. E foi Vó Rita que veio no seu último sono-sonho ali na favela. Vó Rita entrou devagarinho no quarto. De repente. Calada. Ela que não tinha a voz calada nunca, pois, se não estava falando, cantando estava; que nunca chegava de repente, pois se sabia de longe que Vó Rita estava chegando. E eis que ela chegou pé ante pé. Grandona, gorda, desajeitada. Abriu a blusa e através do negro luzidio e transparente de sua pele, via-se lá dentro um coração enorme. E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens. Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos... Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira. (EVARISTO, 2017, p. 183-184)

Os questionamentos que tínhamos no início da pesquisa são em torno da autoria feminina negra e sobre a construção dos romances aqui escolhidos como objetos de estudo. Buscamos entender a relação entre elementos autobiográficos, memória e construção das narrativas, além da compreensão do caminho dessa autoria, onde, na literatura brasileira o espaço autoral se mostra como local de privilégio masculino e branco, sendo essas autoras sujeitos de desobediência epistêmica.

Entendemos *escrevivência*, conceito da escritora Conceição Evaristo, como o condutor da escrita desses romances, assim como explicitado na pesquisa, trazendo como definição simples para o termo o encontro da obra vida, ou escrita e vivência. Um processo narrativo onde invenção e fatos são misturados. *Becos da memória* é escrito sob esse aspecto, onde a menina-narradora retoma as memórias da infância e do processo de desfavelamento sofrido, muitas personagens, muitas histórias e muitos becos. *Cidadã de*

segunda classe com as dores, traumas e violência sofridos pela narradora-personagem em toda a sua trajetória, é também um romance atravessado pela *escrevivência* de uma mulher nigeriana migrante no Reino Unido, o país colonizador e idealizado pelos colonizados.

A partir disso, nossa busca acontece em torno de responder de que forma o projeto de escrita dessas autoras possuem similaridades, apesar do distanciamento físico entre elas. Se assemelham nas dores e libertações da autoria negra feminina. Apesar de estarem em países diferentes, separadas pelo Atlântico e com situações diferentes também, ao que se refere ao povo negro – tráfico negreiro na Nigéria e escravidão no Brasil, encontramos essas similitudes na memória, *escrevivência*, dores atravessadas e traumas, mas acima de tudo, na libertação que a escrita proporciona.

Ao abrir essa pesquisa, eu falo de meus primeiros passos, então aqui, nessas últimas linhas, seriam os passos finais. Dessa pesquisa, sim, mas caminhar ao encontro da autoria feminina negra se torna o começo de uma jornada. Cada autora negra que escreve e consegue publicação, é uma movimentação estrutural de algo, por vezes tão complexo.

Conceição Evaristo tem um reconhecimento tardio. Hoje aos setenta e cinco anos, se consagra como uma das referências na literatura brasileira e como o grande nome da literatura negro-brasileira. *Becos da memória* está traduzido em diversos países, sendo sucesso de público e de crítica. Buchi Emecheta se torna escritora somente após sair da Nigéria. Suas obras são escritas em inglês, a língua do colonizador. É a forma de ser lida. E também a forma de chegar ao Brasil e nos permitir conhecer a força de suas narrativas.

Quando Tio Tatão, personagem de *Becos da memória*, afirma que os gemidos estão sempre presentes, já que a vida da população negra é permeada por dores desde a interferência do branco, ele também fala sobre a coletividade: “A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você” (EVARISTO, 2017, p. 111). *Becos da memória* e *Cidadã de segunda classe* são obras libertadoras. A escrita de Conceição Evaristo e Buchi Emecheta nos leva para um lugar de não conforto, já que são permeadas por suas vivências, e nos permite encerrar a caminhada compreendendo que essas narrativas possuem suas próprias histórias.

Referências

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin (Org.). **Estudos comparados: teoria, crítica e metodologia**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.
- ACHEBE, Chinua. **A educação de uma criança sob o protetorado britânico: ensaios**. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. **O mundo se despedaça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ADEAGA, Tomi. **Translating and Publishing African Language(s) and Literature(s): Examples from Nigeria, Ghana and Germany**. IKO: London, 2006.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- _____. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- _____. **Meio sol amarelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2021.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5.ed. Barueri: Forense Universitária, 2010. 5ª ed.
- _____. **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. 4.ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perpectiva, 1999.
- BERND, Zilé. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *In.: Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social**. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting identities*. London: Routledge, 1996.

BRASIL. Presidência da República. **Casa Civil**. Lei 12.711/2012. 29 de agosto de 2012. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.html>. Acesso em 20 de junho de 2021.

_____. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 186-2 Distrito Federal**. 31 de julho de 2009. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStfArquivo/anexo/ADPF186.pdf>>. Acesso em 20 de junho de 2021.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo Literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHUKU, Gloria. *Nwanyibuife* Flora Nwapa, Igbo Culture and Women's Studies. In.: Chuku G. (eds.). *The Igbo Intellectual Tradition*. Palgrave Macmillan, Nova York, p. 267-293, 2013.

COMANDO. Negra Li. Direção: João Monteiro. [S.l.] 2021. 1 vídeo (2:32 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_aXRAuaJk-A>. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina; EBLE, Laeticia Jensen (Org.). **Literatura e exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017.

_____. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

_____. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, jul.-dez. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077/8085>>. Acesso em 05 de outubro de 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustração: Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *In: Literafro*, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>>. Acesso em 26 de novembro de 2021.

_____. **Literatura e afro-descendência**. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG, 2004. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/150-eduardo-de-assis-duarte-literatura-e-afrodescendencia>>. Acesso em 14 de setembro de 2020.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

EMECHETA, Buchi. **No fundo do poço**. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

_____. **As alegrias da maternidade**. Porto Alegre: Dublinense, 2018a.

_____. **Cidadã de segunda classe**. Porto Alegre: Dublinense, 2018b.

EMICIDA. **AmarElo**. São Paulo: Sony Music, Laboratório Fantasma, 2019. 1 disco sonoro, faixa 1.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. [Entrevista cedida a] **Carta Capital**, [S.1.], 13 maio 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>>. Acesso em 13 de outubro de 2020.

_____. Depoimento da escritora Conceição Evaristo. *In: Colóquio Mulheres em Letras*, 5, abr 2013. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 2013. 1 vídeo (62 min). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=heHftI429U4>>. Acesso em 12 agosto de 2020.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Revista SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

_____. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. *In: Colóquio de Escritoras Mineiras*, 1, maio de 2009. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em 13 de agosto de 2020.

_____. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In: Marco Antônio Alexandre (org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

FROZ, Sarah Silva; SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. Espaços de exclusão e memória em narrativas de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. *In.: Terra Roxa e outras terras: Revista de Estudos Literários*, v. 35, p. 32-44, junho 2018.

GEORGE, Rosemary. *The Politics of Home: Postcolonial relocations and twentieth century fiction*. Berkeley: University of California Press, 1999.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

_____. Por um feminismo afro-latino-americano. *In.: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Pensamentos feministas hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 38-51.

GUIMARÃES, Ruth. **Água Funda**. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2018.

HARRIS, Leila. Kehinde, de Buchi Emecheta: o Lar na diáspora, a diáspora como lar. *In.: Revista Libretos*. Outubro de 2018. p. 7-21.

_____. Espaços discursivos, geográficos e afetivos na literatura diaspórica contemporânea. *In.: A voz e o olhar do outro*, v. 1, Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, 2009, p. 36-45. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/vozholaroutro/volume001/003.pdf>>. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOBBSAWN, Eric J. **A outra história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

HOGAN, Patrick Colm. “How Sisters Should behave to Sisters”: Women’s Culture and igbo Society in Flora *Nwapa’s Efurú*. *English in Africa* v. 26. n. 1, may, 1999.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamentos feministas hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. *In.: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 238-249.

MARTINS, Catarina. “*La Noire de...*” tem nome e tem voz. A narrativa de mulheres africanas anglófonas e francófonas para lá da Mãe África, dos nacionalismos anticoloniais e de outras ocupações. *Revista e-cadernos CES*, n. 12, 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/eces/711>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

MIRANDA, Fernanda R. **Silêncios prescritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MORTARI, Cláudia; GABILAN, Katarina Kristie Martins Lopes. “Concordo, claro, que uma boa arte muda as coisas”. A escrita literária de Chinua Achebe e a crítica a colonialidade. *In: Sanfoka. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*. São Paulo, v. 10, n. 20, p. 56-73, dez. 2017.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. *In: MUZART, Z. L. (Org.). Escritoras brasileiras do século XIX*. 2.ed. rev. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres/EDUNISC, 2000.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada: história, teoria e crítica**. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

NUNES, Francisco Romário. “*It had all begun like a dream*”: a escrita como presença em *Second class Citizen*, de Buchi Emecheta. *In: Criação & Crítica*, n. 27, p. 4-22, nov. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: 26 de novembro de 2021.

OLIVEIRA, Jackson Luiz Lima. **Identidade nacional nigeriana: arranjos institucionais para construção de uma nigerianidade**. 2018. 79 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, 2018.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrevivência”: rastros biográficos em Becos da Memória, de Conceição Evaristo. *In.: Terra roxa e outras terras*, v. 17-B, dez. 2009, p. 85-94. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>>. Acesso em: 11 de junho de 2021.

OYĚWUMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. 1.ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

_____. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. *In.: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Pensamentos feministas hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 84-95.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. A periferia em Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro. *In.: Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 49, p. 33-50, set./dez. 2016.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Mirian Cristina. **Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SOUZA, Florentina. Gênero e “raça” na literatura brasileira. *In.: DALCASTAGNÈ, Regina; EBLE, Laetícia Jensen (Org.). Literatura e exclusão*. Porto Alegre: Zouk, 2017.

SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? *In.*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 250-268.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UM CORPO no mundo. Luedji Luna. Direção: Falani Afrika. [S.l.], 2020. 1 vídeo (5:49 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HDU8Ef0Z1CI>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Ações afirmativas**. Disponível em: <<https://acoesafirmativas.ufg.br/p/27657-duvidas-frequentes-cotas-etnico-raciais>> Acesso em: 20 de junho de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Flora Nwapa (1933-1993). *In.*: **Biografias de mulheres africanas**. Rede Multidisciplinar de Estudos Africanos do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [S.l.], [20--]. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/africanas/flora-nwapa-1931-1993/>>. Acesso em: 07 de novembro de 2021.

WALTER, Roland. O espaço literário da diáspora africana: reflexões teóricas. *In.*: **A Cor das Letras**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 9–34, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1483>>. Acesso em: 08 de janeiro de 2022.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990 [1928].

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.